

TEATRO

O FILHO DE NINGUÉM

Antônio Roberto Gerin

Personagens

Batista	(Filho)
Ernesto	(Pai)
Dona Olga	(Mãe)

O cenário revela toda a extensão de oito metros de largura do fundo de uma casa em madeira, com saída para a rua pelas duas laterais, qual seja, saindo-se para os fundos do palco, de lado e outro, implica estar caminhando para a frente da casa e, por conseguinte, para a rua. A pintura das paredes é de um azul-claro bastante desbotado, descascada em alguns lugares. No lado esquerdo, sempre a partir da visão do público, quase ao canto da casa, há uma janela de quarto, em esquadrias de ferro, com os três basculantes um pouco abertos. O vidro do basculante do meio está quebrado, faltando um pedaço em um dos cantos. À direita, bem ao canto, uma porta que dá para a cozinha. Está aberta, mas pode-se perceber a lâmina da madeira toda trincada na sua parte inferior; e a pintura, verde-escura, também desbotada. Há um banco de madeira, escuro e velho, mas de aspecto imponente, colocado ao longo da parede, logo após a porta da cozinha. Mais adiante, quase debaixo da janela, uma cadeira de balanço, forrada com tecido estampado, gasto, onde predominam as cores azul e amarela. Quase em frente à porta da cozinha, um pouco à direita, avançando alguns metros, há um pé de laranja. Um pouco mais adiante, já no espaço onde está a plateia, inicia-se o pomar, tomando todo o fundo do quintal. Bem ao lado esquerdo da casa, recuada para o pomar, no seu limite, há uma garagem, que o público não vê. O chão, até o início do pomar, é todo ele cimentado, sujo de folhas secas trazidas pelo vento. O aspecto geral é de decadência, quase abandono.

ATO I**CENA I**

(Ernesto aparece pela porta da cozinha, traz na mão direita um pão, que vai levando em pedaços pequenos à boca. Faz o movimento de sentar-se no banco quando, com certo esforço, dirige o olhar para a sua direita, ao fundo, atrás da garagem. Parece ter visto alguma coisa. Agitado, recua até o limiar da porta. Apoia a mão esquerda no batente, enquanto com a direita, ainda segurando o pedaço de pão, gesticula, chamando por dona Olga, que está na cozinha. Ela aparece à porta, assustada com o ar misterioso do marido. Os dois olham para o local apontado por Ernesto.)

ERNESTO Olga!

DONA OLGA *(De fora, impaciente.)* - Que é?

ERNESTO Alguém entrou na privada.

DONA OLGA *(Entra.)* - Agora?

ERNESTO Nesse instante.

DONA OLGA Viu quem era?

ERNESTO Eu acho que é o Batista.

DONA OLGA *(Reagindo, assustada.)* - O Batista?!

ERNESTO É ele, Olga!

DONA OLGA Como é que você sabe?

ERNESTO Os cabelos estão mais longos... Mas é ele sim!

DONA OLGA Pode ser o João Cristo. Ele sempre vem usar a privada. Não gosto dessa mania, mas fazer o quê? Não vamos tirar dele o direito de cagar.

ERNESTO O João Cristo é baixinho, Olga. O Batista é mais alto!

DONA OLGA Você está quase cego, esqueceu?

ERNESTO *(Ofendido.)* - E eu não vou conhecer o meu filho?

DONA OLGA Você está vendo coisa! Esse é o medo que a gente tem de o Batista aparecer.

ERNESTO Faz mais de um ano que ele não vem.

DONA OLGA Que um ano! Ele veio agora, depois do Natal.

ERNESTO Então! Quase um ano. Já estamos em novembro.

DONA OLGA *(Fazendo menção de entrar.)* - É o João Cristo, Ernesto. Vem cagar sem pedir licença. Ainda vou jogar isso na cara dele.

ERNESTO E se for o Batista?

DONA OLGA *(Reage.)* - Nós não vamos dar dinheiro pra ele. Nem um tostão!

ERNESTO Se ele pedir?

DONA OLGA Ele vai pedir. Por que você acha que ele vem?

ERNESTO Não é só por causa do dinheiro.

DONA OLGA Por causa do que então?

ERNESTO *(Ressentido com a mulher.)* - Ele gosta da gente, Olga.

- DONA OLGA Ah, gosta muito, mas só vem pra arranjar confusão.
- ERNESTO Eu acredito que ele ainda pode mudar.
- DONA OLGA Só você.
- ERNESTO As pessoas mudam!
- DONA OLGA O Batista não vai mudar, Ernesto! Ele é aquilo que ele é. Ruim, preguiçoso e bêbado! (*Entrando.*) Seja quem for, vamos esperar sair da privada.
- ERNESTO (*Agitado.*) - Eu vou ficar lá dentro, na janela do quarto. Se for ele, eu enxergo.
- DONA OLGA (*Impaciente, alterada com a possibilidade de ser mesmo o filho. Vendo que o marido vacila.*) - O que é que você tá esperando? Vai!
- (Dona Olga fecha a porta, mantendo apenas o rosto entrevisto, espiando, curiosa. Silêncio prolongado, expectativa. Percebem-se os basculantes da janela se mexendo. É Ernesto tentando fechá-las, para melhor espiar pelo buraco do vidro quebrado. Mas logo volta para a cozinha, agitado. Vai para a porta de saída.)*
- ERNESTO É ele, sim! (*Saem, mas sem se afastar do limiar da porta. Ele está agitado, mostra algo para dona Olga.*) Olha lá, encostado na parede da garagem!
- DONA OLGA Você tá me assustando, Ernesto!
- ERNESTO O agrião, Olga! (*Olham.*) Você acha que o Batista ia esquecer de trazer o agrião?
- DONA OLGA (*Nervosa.*) - É ele, Ernesto!
- ERNESTO Não falei?!
- DONA OLGA O Batista voltou.

ERNESTO Tem mais alguma coisa no chão. Um pedaço de vidro.

DONA OLGA Uma faca.

ERNESTO Vidro, Olga!

DONA OLGA Que vidro o quê!

ERNESTO Faca é maior.

DONA OLGA Você não enxerga.

ERNESTO *(Ofendido.)* - Quem disse que eu não enxergo?

DONA OLGA Todo mundo.

ERNESTO Só por que tô precisando usar óculos?

DONA OLGA Vai lá ver o que é.

ERNESTO Eu não vou mexer nas coisas dele.

DONA OLGA Vou eu, então. Você é um banana mesmo! *(Avança em direção à garagem, logo retorna, apressada.)* É uma gaita.

ERNESTO Gaita?

DONA OLGA Uma gaita, não ouviu, não?

ERNESTO Parecia vidro...

DONA OLGA Depois diz que enxerga.

ERNESTO É nova?

DONA OLGA Velha. *(Raivosa.)* Suja!

ERNESTO *(Ouve-se um barulho.)* - Ele vai sair!

DONA OLGA *(Recua em direção à porta.)* - Santo Deus!

ERNESTO É melhor você não ficar nervosa.

DONA OLGA Ele tá sujo?

ERNESTO Não deu pra ver.

DONA OLGA Não vamos dar dinheiro pra ele!

ERNESTO *(Impaciente.)* - Eu sei! Já ouvi!

DONA OLGA Ouviu, mas eu sei muito bem o que é que você vai fazer.

ERNESTO Nem se eu quisesse, não tenho.

DONA OLGA E é isso que você vai dizer pra ele.

ERNESTO Ele não vai acreditar.

DONA OLGA Você fica com pena. Por isso, ele aproveita.

ERNESTO Eu tenho pena, sim.

DONA OLGA Ter pena pra quê? Ele que escolheu essa vida. A culpa não é nossa.

ERNESTO Ele sofre. Eu sei que ele sofre.

DONA OLGA Olha só o coração mole!

ERNESTO É nosso filho, Olga!

DONA OLGA Eu não criei filho pra ser mendigo.

ERNESTO Ele não é um mendigo.

DONA OLGA Ah, não? É só perguntar.

ERNESTO Pra quem?

DONA OLGA Pro velho Serrano.

ERNESTO *(Exalta-se.)* - Por que é que ele não vai cuidar da vida dele?

DONA OLGA *(Recuando para dentro da cozinha enquanto olham para o pomar.)* - Ele tá saindo!

ERNESTO *(Pausa. Aponta a cabeça pela porta, olha com demora.)* - Ele tá no pomar pegando tangerina...! *(Recolhe a cabeça.)*

CENA II

(Batista entra pelo lado da garagem, traz consigo duas tangerinas. Tem às costas uma mochila preta, velha e suja, vê-se que quase vazia. Veste calças do tipo jeans, parecem novas, porém um pouco sujas, camiseta escura, com gola, o que lhe dá certa jovialidade e elegância. Calça tênis barato, sem meias. Traz os cabelos um pouco compridos. Barba por fazer. Está alegre, autoconfiante, não se intimidará com a presença dos pais. Traz dentro de si um forte propósito, e é isso que lhe dá sustentação psicológica. Não está bêbado. Perambula pelo palco, observa com certa apreensão a porta da cozinha, mas não se atreve a se aproximar. Começa a descascar uma tangerina e a jogar as cascas no chão. Percebe-se Ernesto espiando pelo buraco do vidro da janela. Batista deposita a mochila no banco. Depois vai até a garagem, pega o maço de agrião, prende-o sob o sovaco enquanto tira da gaita acordes alegres, dançantes. Dona Olga espia pela porta, ele a vê e para de tocar. Pausa, em suspense.)

- BATISTA Mãe! - *(Descuida-se, o maço de agrião cai no chão. Depressa agacha para pegar.)*
- DONA OLGA *(Saindo, ressabiada. Ernesto se afasta da janela.)* - O que é que você veio fazer aqui?
- BATISTA *(Surpreso com o mal acolhimento.)* - Eu... eu vim visitar a senhora... o... o pai!
- DONA OLGA *(Segura um dos braços do filho.)* - Você tá bem?
- BATISTA Tudo, mãe, tô bem.
- DONA OLGA Podia ter lavado essa roupa.

- BATISTA *(Pausa, em que tenta se recompor.)* - O pai táí?
- DONA OLGA Por que jogou as cascas no chão?
- BATISTA *(Olha para o chão surpreso, depois em volta.)* - Não tem lixo.
- DONA OLGA O lixo tá lá dentro. Era só pedir.
- BATISTA *(Vendo Ernesto surgir pela porta.)* - Pai!
- ERNESTO *(Cumprimenta o filho, efusivo.)* - Eu sabia! Meus olhos ainda estão bons. Eu vi quando você entrou na privada. De costas, eu reconheci você. Sua mãe disse que era o João Cristo. Mas eu sabia que era você!
- DONA OLGA *(Recolhe as cascas no chão.)* - Sabia nada.
- ERNESTO *(Para Olga.)* - Se você não tivesse metido na minha cabeça que era o João Cristo, eu nunca ia duvidar que era ele. Meus olhos não falham!
- DONA OLGA Seus olhos não prestam nem pra contar cachorro na rua.
- BATISTA O senhor tá com problemas nos olhos, pai?
- ERNESTO A maldita catarata.
- BATISTA É grave?
- ERNESTO Não.
- DONA OLGA *(Saindo para a cozinha com as cascas.)* - É grave, sim. Seu pai que é teimoso. Daqui a pouco, não vai enxergar nem o próprio dedo.

CENA III

- ERNESTO Não dá ouvidos pra sua mãe, filho. Você sabe, ela sempre vê problemas em tudo.
- BATISTA É grave, não é?
- ERNESTO Bem. Eu não consigo mais enxergar uma agulha. Isso realmente eu não consigo.
- BATISTA O senhor parou de trabalhar?
- ERNESTO Vou fazendo o que posso.
- BATISTA (*Preocupado.*) - Quer dizer que o senhor não trabalha mais?
- DONA OLGA (*Chegando à porta.*) - Trabalha, sim. E muito! (*Sai.*)
- ERNESTO Eu ajudo seu irmão. Ele risca e eu corto. O risco eu ainda consigo enxergar. A tesoura também. (*Ri.*) Ora, meu filho! Se eu enxerguei você entrando na privada, não vou enxergar a tesoura na minha mão?
- BATISTA O senhor foi no médico?
- ERNESTO Veio aqui um do governo. Ele disse que eu preciso arrancar esse troço branco no meu olho.
- BATISTA E o que é que o senhor tá esperando, então?
- DONA OLGA (*À porta, ouvindo a conversa.*) - A Maria tá cuidando disso.
- BATISTA (*Nervoso pelo pai.*) - O senhor já devia ter ido ao médico!
- ERNESTO Calma, filho. As coisas do governo são sempre demoradas. (*Altera-se.*) Você sabe. Você vai lá, preenche aqueles papéis, marca consulta, o médico não aparece. E aí você tem que marcar consulta de novo! (*Acalma-se.*) Deixa pra lá. Tem muita gente pior que eu. Tem gente que não enxerga o vaso onde mijá! Deixa eles irem na minha frente!
- BATISTA (*Preocupado.*) - Mas a mãe disse que ...
- ERNESTO (*Irrita-se.*) - Exagero da sua mãe! Eu não enxerguei você entrando na privada?

- DONA OLGA *(Aparece novamente à porta, brava.)* - Sou eu que exagero, Ernesto?! Teimoso! *(Sai.)*
- BATISTA *(Com certo exagero.)* - Eu vou ajudar o senhor! Eu quero ajudar! Posso, pai?
- ERNESTO *(Admirado com a decisão do filho.)* - Pode...! Claro. Mas como?
- BATISTA Eu vou falar com o pessoal da saúde.
- ERNESTO E onde é que você vai encontrar essa gente?
- BATISTA Onde...? *(Inseguro e agressivo, disfarça.)* Pai, pode ficar sossegado. Eu resolvo tudo.
- ERNESTO Não é fácil falar com essa gente.
- BATISTA Eu sei como lidar com eles. *(Aponta a perna esquerda.)* Eu sofri muito com essa perna, eu sei como é que é. É só você encarar eles de frente. Não ter medo. Não abaixar a cabeça! Quando você tem medo, eles largam você, entende? Eles têm prazer em deixar você esperando. Como se o senhor fosse um ninguém! Não podemos ter medo, pai!
- ERNESTO Mas eu não tenho medo de ninguém.
- BATISTA O senhor acha que não, mas tem. Nós, pai, nós não somos bostas, não! Eles pensam que nós somos, mas nós não somos! Não temos dinheiro, nós precisamos deles, não é assim? Mas nem por isso somos bostas. O senhor tem que entender isso. O senhor não é um bosta que pode ficar cego, e ninguém se preocupar com isso.
- ERNESTO Você acha então que conseguiria...
- BATISTA *(Tentando ser convincente.)* - Claro.
- ERNESTO Você precisa antes falar com sua irmã. A Maria é que tá vendo tudo. Ela e o seu irmão. O Osvaldo.
- BATISTA *(Reage.)* - O Vado também?
- ERNESTO Ele conhece um deputado.

- BATISTA *(Ressentido.)* - Então, o senhor não vai precisar de mim.
- ERNESTO Por que não?
- BATISTA *(Ressentido.)* - Eu não conheço nenhum deputado, pai!
- ERNESTO Mas você pode conseguir as coisas de outra maneira!
- BATISTA *(Eleva a voz, irritado com a consciência de sua insignificância.)* - Não é assim que funciona. Se tem um deputado na história, aí a coisa é diferente. Toma outra importância. Eu não sou importante, pai! *(Silêncio. Cospe sementes da tangerina no chão.)*
- ERNESTO Se sua mãe vê você fazendo isso, ela vai se aborrecer.
- BATISTA *(Ainda agitado.)* - Pai... eu queria tomar um cafezinho...
- ERNESTO Olga, tem café?
- DONA OLGA *(Da cozinha.)* - Não precisa gritar. Já tô esquentando!
- ERNESTO Vem. Vamos entrar...
- BATISTA Não, pai. Eu tô bem aqui.
- ERNESTO Vamos lá pra dentro.
- BATISTA Não! *(Começa a descascar a outra tangerina, joga a casca no chão. Nervoso.)* Cheguei bem na época das tangerinas.
- ERNESTO *(Observando-o jogar as cascas no chão.)* - Não carregaram muito esse ano.
- BATISTA Tão ótimas!
- ERNESTO O bom é quando elas ficam assim desse tamanho. *(Marca o tamanho com as mãos.)*
- BATISTA Pequena é mais doce.
- ERNESTO *(Ele e Batista observam o pomar.)* - Eu precisava dar um jeito nesse pomar.

BATISTA *(Mais relaxado.)* - Olha lá meu pé de goiaba!

ERNESTO Eu tive que podar, senão o danado ia pular a cerca.

BATISTA Eu tinha onze anos quando plantei...

ERNESTO *(Admirado.)* – Onze?!

BATISTA Quase vinte anos, pai!

ERNESTO Tudo isso?

BATISTA Foi depois que eu quebrei a perna pela primeira vez.

ERNESTO Quantas vezes você quebrou a perna?

BATISTA Contando com a do Exército... quatro.

ERNESTO *(Sorri, encantado.)* - Você parecia um macaco em cima das árvores.

BATISTA *(Testando a perna esquerda.)* - Ela ficou um pouco torta.

ERNESTO Dá pra andar?

BATISTA Dá.

ERNESTO Então, não tem importância.

BATISTA Dói um pouco no frio.

ERNESTO Sabe o que é bom? Fazer massagem. Joga álcool e esfrega. Até esquentar. Você vai ver como melhora. Eu também tenho umas dores aqui. *(Mostra a coxa direita, acima do joelho.)*

BATISTA Posso esfregar com pinga?

ERNESTO *(Ingenuamente surpreso. Riem.)* - Pinga?!

BATISTA *(Carinhoso.)* - Cachaça também é remédio, pai. É que remédio!

CENA IV

- DONA OLGA *(Traz duas xícaras de café fumegante. Entrega uma para Ernesto, a outra para o filho. Olha apreensiva para Ernesto. Indigna-se com o filho.)* - Eu disse pra você não jogar as cascas no chão!
- BATISTA O chão tá sujo, mãe.
- DONA OLGA Aqui não é sua casa!
- BATISTA *(Desconcertado, olha para o pai. Acuado.)* - Depois, eu pego.
- DONA OLGA *(Irônica.)* - Eu sei muito bem que você pega. *(Observa a roupa do filho.)* Você precisa lavar essa roupa. Tem outra?
- BATISTA Uma camisa.
- DONA OLGA Só a camisa?
- BATISTA Só.
- DONA OLGA Pelo jeito, também não tem cueca. *(Batista abaixa a cabeça, envergonha-se.)* Onde é que você tá morando?
- BATISTA Na casa de um amigo.
- DONA OLGA *(Apreensiva.)* - Que amigo?
- BATISTA Um amigo, mãe!
- DONA OLGA Ele trabalha?
- BATISTA Trabalha.
- DONA OLGA O que ele faz?
- BATISTA Por que essas perguntas todas?

- DONA OLGA Eu tenho o direito de saber com quem você anda.
- ERNESTO Não precisa falar assim, Olga.
- DONA OLGA Falo como eu quiser! (*Para Batista.*) Boa amizade não deve ser.
- BATISTA Ele trabalha com caminhão.
- DONA OLGA E você?
- BATISTA (*Vacila.*) - Mãe... Eu...
- DONA OLGA Já sei. Não tem cuecas, não tem emprego.
- BATISTA (*Em tom de quase súplica.*) - Eu vim aqui... pra gente conversar.
- DONA OLGA (*Finge não ter ouvido, vai até a mochila.*) - Eu quero ver a camisa. (*Tira de dentro da mochila uma camisa vermelha, mangas curtas. Faltam dois botões.*) Cadê os botões?
- BATISTA Caíram, mãe.
- DONA OLGA Da outra vez, você tinha camisas mais decentes.
- BATISTA A senhora pode me ouvir?
- DONA OLGA Me dê aqui. Não se coloca xícara em banco. Alguém sempre vai sentar em cima. (*Ela recolhe as xícaras, com habilidade. Fala rápido, demonstra nervosismo com a situação.*) Eu vou pregar os botões pra você poder vestir essa coisa. Pelo menos, tá limpa. Pai, você fala com o Sebastião, pra ver se ele tem camisa e calças sobrando. Você vai usar uma cueca do seu pai. Vou avisando. Seu pai não tem cuecas novas. (*Sai para a cozinha.*)

- ERNESTO Não fica chateado.
- BATISTA Eu não tô chateado.
- ERNESTO Sua mãe não gosta de ver você assim. Eu também não. Mas eu pelo menos sei como é que é a vida.
- BATISTA Eu vou sair dessa, pai!
- ERNESTO Tá mesmo na hora de você dar um rumo na sua vida. A gente vai ficando velho, as coisas só pioram.
- BATISTA *(Anima-se.)* - Pai, eu... posso falar uma coisa? Tô aí com uns planos...
- ERNESTO *(Assustado.)* - O que é que é?!
- BATISTA Espera, pai. Não precisa ficar preocupado.
- ERNESTO *(Reage.)* - Eu não tô preocupado!
- BATISTA Deixa eu falar! Dessa vez, as coisas vão ser diferentes. A gente aprende com as cabeçadas, não aprende?
- ERNESTO Uma hora temos que aprender.
- BATISTA Passei muito tempo pra cá e pra lá, observando, pensando... Pensando onde cavar dinheiro bom, o senhor entende? As oportunidades boas não surgem pra todo mundo, esse que é o problema. Mas eu nunca desisti de procurar. Só que eu nunca quis me meter em qualquer negócio. O senhor sabe disso. Passar a vida toda carregando pedra, pra só ter o que comer? Eu sempre quis coisa melhor! O Brasil tá, crescendo a olhos vistos. Os militares tão botando pra quebrar. Todo mundo fala que o Brasil vai ser uma potência. *(Irrita-se.)* Eu também quero ser uma potência, pai! Quero ser grande! Eu sei que eu posso conseguir coisa boa. Sou inteligente! Aqui ó! *(Dedo indicador na cabeça.)* Meu negócio é usar a cabeça. *(Silêncio.)*
- ERNESTO Sim.
- BATISTA E não é que pintou uma oportunidade, pai?! Um negócio incrível!

- ERNESTO Um emprego?
- BATISTA Não! Não, pai! Eu não sirvo pra ser empregado.
- ERNESTO *(Um tanto preocupado.)* - Mas... emprego...
- BATISTA É uma coisa muito melhor. Coisa certa. *(Está incomodado, com receio de ir à questão.)* Eu sei que já dei muita cabeçada, eu... poxa, não é fácil você sair do nada! Se fosse, seria bom. Mas não é! Você viver a vida inteira no escuro, ali na merda, e de repente ir lá pra cima, ser um grande empresário... Chegar lá! Tem que ter muita luta por trás disso tudo, eu sei. Muito trabalho. Ali, todo dia no batente, suando, ralando, sabendo que uma hora você vai estar lá em cima, que não vai mais precisar mexer nem um dedo...
- ERNESTO A gente nunca pode desistir!
- BATISTA *(Animando-se.)* - Nunca, pai!
- ERNESTO *(Empolga-se.)* - O trabalho tem que ser todo dia. Ali, no duro! Afinal, todo dia se come e se dorme.
- BATISTA *(Silêncio.)* - Pai! Eu... O negócio é fabuloso! *(Vendo que o pai não está entendendo aonde ele quer chegar, impacienta-se.)* Pai, o senhor tá me ouvindo? Eu queria falar com o senhor. É por isso que eu vim. *(Baixando a voz, apreensivo.)* E... é melhor a mãe nem ouvir. Não por enquanto.
- ERNESTO Por que, filho?
- BATISTA Conversa de negócios, pai. Negócios! Coisa de empresário!
- ERNESTO Isso é bom...
- BATISTA A mãe não entende dessas coisas.
- ERNESTO *(Entrando no jogo do filho.)* - Sua mãe não entende mesmo. Isso é verdade! Ela fica nervosa à toa. Eu entendo você. Eu também tive esse tipo de problema. Quando eu quis montar meu próprio negócio, foi um Deus nos acuda. Passar a vida inteira ganhando quinze por cento por cada calça feita era muito pouco! Eu tinha que fazer até quatro calças por dia

pra poder sobreviver. Você não era nem nascido. Um dia cheguei em casa e disse pra sua mãe que ia montar minha própria alfaiataria. Ela começou a gritar que era um absurdo! Que eu queria era matar a família de fome! Que ambição era pecado! Essas coisas, você já sabe. Mas eu fui esperto. Quando eu contei pra ela do negócio, a coisa já tava feita! (*Sorri, encantado.*) Quando ela viu que a alfaiataria tava lá, o meu nome bem grande, pronto! Gostou.

- BATISTA O senhor acreditou no negócio, não foi?
- ERNESTO Não precisei mais fazer quatro calças por dia. Feito um doido!
- BATISTA (*Sentindo-se mais à vontade, autoconfiante.*) - Eu entendo o senhor, pai. Eu também tô passando por isso. Eu me perguntei. Você acredita no negócio? Não pensei duas vezes pra responder. Lógico que eu acredito! E como!
- ERNESTO Não vem me dizer que você vai querer montar outro bar...
- BATISTA Não! Aquilo sim foi uma puta cabeçada. Meu negócio agora é caminhão.
- ERNESTO Caminhão?!
- BATISTA Por que o espanto, pai? Vou comprar um caminhão.
- ERNESTO Você...?!
- BATISTA O senhor acha que eu não posso comprar um caminhão?
- ERNESTO Lógico que pode. Só que... é muito caro!
- BATISTA No começo, eu não vou comprar um caminhão novo. Talvez daqui um ano. Talvez nem isso. Vou começar com um caminhão mais antigo. Na verdade, pai, é uma caçamba. (*Apressa-se.*) Eu ainda não contei o negócio pro senhor. O caminhão é só o primeiro passo. O negócio é tão bom, que depois virão outros caminhões.
- ERNESTO Outros?!
- BATISTA O senhor não acredita?

- ERNESTO Mas... e o dinheiro pra tudo isso?
- BATISTA O duro é o começo. O primeiro caminhão.
- ERNESTO Você tem esse... dinheiro?
- BATISTA Não.
- ERNESTO *(Pausa. Incomoda-se ao se dar conta aonde o filho está querendo chegar.)* - E como é que você vai fazer?
- BATISTA Deixa primeiro eu explicar todo o negócio.
- ERNESTO *(Apresenta sinais de nervosismo.)* - Tem mais negócio?
- BATISTA Eu não falei pro senhor que o caminhão era só o começo?
- ERNESTO *(Confuso.)* - Você vai comprar mais o quê?
- BATISTA Calma, pai! Eu vou explicar. Eu só quero que o senhor tenha calma.
- ERNESTO *(Apreensivo, olha para a porta da cozinha.)* - É melhor você pegar essas cascas do chão, antes que sua mãe volte.
- BATISTA Pai! Eu tô falando de um grande negócio e o senhor vem falar de casca de tangerina?!
- ERNESTO Eu acho melhor você não irritar sua mãe.
- BATISTA O senhor quer me ouvir?!
- ERNESTO Eu tô ouvindo, filho.
- BATISTA *(Parece sentir o chão escapar-lhe sob os pés.)* - Pai! Esse negócio é fantástico! O senhor vai ver. Eu vou pagar a cirurgia do senhor. Aqui, do meu bolso! O senhor não vai precisar de merda de deputado nenhum, entendeu? O Vado que se foda com o deputado dele! Nós não somos bostas, pai! O senhor não é um bosta. Mas pra isso eu preciso de dinheiro. Pro negócio sair, entende? Pra gente ser alguém!

CENA VI

- DONA OLGA *(Entra pregando um botão. Está preocupada, um tanto assustada.)* - O que é que tá acontecendo aqui?
- ERNESTO Nada, Olga.
- DONA OLGA Então, por que essa gritaria?
- BATISTA *(Agressivo.)* - Quem tá gritando, mãe?
- DONA OLGA *(Brava.)* - Eu já falei que eu não quero casca no chão!
- BATISTA *(Submisso, agacha-se de imediato. Sabe que não é o momento de confrontar a mãe.)* - A senhora não precisa ficar nervosa.
- DONA OLGA Eu ouvi muito bem o que você disse.
- BATISTA O que foi que eu disse, mãe?
- DONA OLGA Isso é jeito de falar do seu pai?
- BATISTA O que eu falei do senhor, pai?
- DONA OLGA Seu pai não é um bosta!
- BATISTA É bosta sim, mãe! Pior que é! Sem dinheiro, não passamos de uns bostas!
- DONA OLGA Pra ter respeito, não precisa de dinheiro.
- BATISTA Então, por que é que ele não consegue fazer a cirurgia do olho?
- DONA OLGA Seu irmão conhece um deputado.
- BATISTA Vocês estão pedindo esmola!
- DONA OLGA Estamos pedindo ajuda.

- BATISTA E não é a mesma coisa?
- DONA OLGA Põe essas cascas em cima da mesa. (*Voz dura.*) Quando foi a última vez que você tomou banho?
- ERNESTO Calma, Olga. (*Dona Olga reage à aproximação de Ernesto.*)
- BATISTA O mundo hoje é diferente, mãe! As pessoas são mais informadas. Elas se comparam. Elas sabem quem é quem. O quanto valem. E o que podem. Hoje, tem a televisão. Ninguém mais é bobo como antigamente. Até sexo hoje é mais livre!
- DONA OLGA Se você trabalhasse, não teria tempo pra ficar pensando nessas besteiras.
- BATISTA Eu vou trabalhar. Mas é no meu próprio negócio! (*Apressa-se, não deixa a mãe interrompê-lo.*) Não quero trabalhar pros outros. Chegar no final do mês e ter aquele dinheirinho chorado. Sujo!
- DONA OLGA O que você tá dizendo é pecado.
- BATISTA Agora, só trabalho se for pra montar meu próprio negócio.
- DONA OLGA Nós não temos dinheiro pra dar.
- ERNESTO (*Pega-lhe o braço.*) - Olga!
- DONA OLGA (*Dá um safanão.*) - Me larga! Eu sei muito bem o que ele veio fazer aqui.
- BATISTA (*Percebendo que as coisas estão-lhe fugindo ao controle. Tenta se apoiar no pai.*) - Pai, eu posso falar?
- DONA OLGA Seu pai não tem dinheiro.
- ERNESTO Olga, deixa eu conversar com o Batista.
- DONA OLGA (*Insegura.*) - Diz pra ele que você não tem dinheiro, Ernesto!
- ERNESTO Será que eu não posso conversar um pouco com meu filho?

- DONA OLGA O dinheiro que temos é pro seu pai fazer a cirurgia!
- BATISTA (*Vitorioso.*) - Então, a senhora tem dinheiro!
- DONA OLGA Não.
- BATISTA (*Sente-se seguro por saber que há o dinheiro. Será questão de tempo conseguir. Afrontando-a.*) - Eu sei que a senhora tem. A senhora sempre fez poupança! (*Investindo no pai. Animado.*) Pai! Vamos conversar só nós dois. Deixa pelo menos eu terminar de contar como é que é o negócio.
- DONA OLGA Ernesto, não!
- ERNESTO Olga, deixa ele falar.
- DONA OLGA Ele vai convencer você!
- ERNESTO Quem disse que ele vai-me convencer? (*Ofendido.*) É só uma conversa de pai pra filho! Não pode?
- BATISTA É só um empréstimo! A senhora sabe o que é um empréstimo? O dinheiro vai e depois volta.
- DONA OLGA O dinheiro não volta. Nunca voltou!
- ERNESTO Ninguém vai dar dinheiro pra ele, não, Olga.
- DONA OLGA (*Volta-se para o filho. Decidida.*) - Vai embora!
- BATISTA Mãe...
- DONA OLGA (*Autoritária.*) - Vai embora, eu já disse. Não vamos começar tudo de novo.
- BATISTA (*Veio com o firme propósito de conseguir o dinheiro, não desiste. Em tom de súplica.*) - Mãe, dessa vez é diferente.
- DONA OLGA Nunca foi diferente.
- BATISTA (*Em tom de ameaça.*) - Eu vou falar com o Sebastião.
- DONA OLGA (*Avança sobre o Batista.*) - Deixa seu irmão em paz!

- BATISTA Pai! (*Posiciona-se em frente ao pai, para que ele melhor possa ouvi-lo.*) Pai! Esse negócio é uma mina de ouro! O cara lá ficou rico. Deixa eu contar pro senhor. O cara já tem cinco caminhões. Não faz um ano que ele tá no negócio e já tem cinco caminhões!
- ERNESTO (*Admirado.*) - Cinco! Em um ano?
- BATISTA Eu tô dizendo! O cara chegou na usina com um caminhão. Ele deixou a família, pai! Pra um cara deixar mulher e filhos pra trás é porque o negócio é bom. O cara só para pra dormir. O cara é um touro! Entendeu por que ele já tem cinco caminhões? (*Pausa.*) E ele gostou de mim. Ficamos amigos. Até me hospedou na casa dele! Ele quer vender um dos caminhões pra mim. Ele me disse que agora só quer comprar caminhão novo. Pai, eu também posso ter cinco caminhões! Eu só preciso arranjar o dinheiro!
- DONA OLGA (*Olha atenta para o marido.*) - Ele já tá convencendo você, Ernesto.
- ERNESTO (*Ofendido.*) - Ninguém me convence de nada não, Olga! Você pensa que eu sou o quê?
- BATISTA Mãe! Pai! Eu posso falar?
- ERNESTO (*Entre confuso e interessado.*) - Eu disse que eu vou dar dinheiro? Eu por acaso disse isso?
- BATISTA (*Ansioso.*) - Eu não terminei!
- ERNESTO Eu só quero ouvir a história, não posso? Eu gosto de ouvir essas coisas. Eu mesmo já tive meus planos. Já montei meu próprio negócio, eu sei como é que essas coisas funcionam. Você fica realmente nervoso. Acha que não vai dar certo. Aí acaba não fazendo nada.
- DONA OLGA Esqueceu o bar?
- BATISTA Agora a história é outra, mãe! Eu tô falando de altos negócios. O boteco era só pra viver. Agora, não. É pra ficar rico. Se fosse pra sobreviver, eu ia ser alfaiate como o pai, como o Sebastião.

- DONA OLGA Não fala assim do seu irmão.
- BATISTA Não é isso, mãe! Só tô dizendo que eu não sou como ele. Vocês querem que eu seja, mas eu não sou! (*Exalta-se.*) Eu sou como o Vado. O Vado sempre pensou alto. O Brasil é o país que mais cresce no mundo, mãe! Tão construindo hidrelétrica pra tudo quanto é lado. Eu tenho que aproveitar. Eu quero ter muito dinheiro.
- DONA OLGA Pensar só em dinheiro é pecado.
- BATISTA Não fala isso pra mim, por favor, mãe...! Se a senhora fala, eu acabo pensando que é pecado mesmo. Eu não quero pensar assim. (*Reage.*) A senhora não fala pro Vado que é pecado ter dinheiro, fala?
- DONA OLGA Você não é como o Vado.
- BATISTA (*Motivado pelo ressentimento, torna-se agressivo.*) - Sou, sim! Sou melhor que ele. A senhora que nunca acreditou em mim. Mas eu sou melhor que ele, sim! Eu só preciso de uma oportunidade.
- DONA OLGA Trabalhar que é bom você não quer.
- BATISTA Pai, o senhor não fala nada?
- ERNESTO Falar o que, filho?
- BATISTA Mas, pai... Eu preciso desse dinheiro!
- ERNESTO Eu não tenho, filho.
- BATISTA A mãe disse que tinha.
- DONA OLGA Eu não disse.
- BATISTA (*Pega a mochila que está sobre o banco e atira-a ao chão.*)
- Merda! Merda!
- DONA OLGA Chega!
- BATISTA Eu preciso do caminhão! (*Vai até o pai, que sabe, é o único que pode ajudá-lo. Suplica.*) Pai!

- ERNESTO *(Confuso, tenta contemporar.)* - Filho...!
- BATISTA *(Finge se render à situação.)* - Tudo bem. Vocês não precisam me dar o dinheiro. Eu vou embora. Mas... eu posso pelo menos contar a história pro senhor? Eu não acabei. Posso, pai? *(Vai até dona Olga, agora sentada na cadeira de balanço, pregando botão. Ajoelha-se diante dela, em ato de submissão. Pega-lhe a mão. Voz sincera, embargada.)* Mãe, a senhora me perdoa? Diz que me perdoa, por favor...!
- DONA OLGA Perdoar o quê?
- BATISTA Eu sei que eu magoei a senhora. *(Chorando.)* Eu vou mudar de vida, mãe! Eu prometo. A senhora não acredita em mim, mas eu vou. Eu tô mudando. Eu sei que eu tô mudando!
- DONA OLGA *(Coloca a mão direita sobre a cabeça do filho.)* - Você precisa ficar quieto no seu canto. Trabalhar. Ter uma família...
- BATISTA Diz que me perdoa!
- ERNESTO *(Entre comovido e constrangido.)* - Vai, Batista, levanta.
- DONA OLGA Ouve seu pai. Levanta.
- BATISTA *(Levanta, súbito.)* - Pai! O senhor tem um papel e uma caneta?
- ERNESTO *(Surpreso.)* - Pra quê?!
- BATISTA Eu quero mostrar uma coisa pro senhor. *(Pega a mochila do chão e com certa facilidade retira dela papel e caneta. Volta-lhe a excitação e a auto-confiança.)* Mãe, eu conto a história do negócio, depois vou embora, tá bem?
- DONA OLGA Você precisa tomar um banho.
- BATISTA Então é só contar a história, tomo um banho e vou embora.
- DONA OLGA Ninguém tá pedindo pra você ir embora.
- BATISTA *(Sem ouvi-la, apoia-se no banco.)* - O senhor entende bem

de conta, não entende, pai? O cara me vende o caminhão por doze mil. É um caminhão usado, lógico. Mas o caminhão tá bom. É um onze treze. Mercedão! Azul! Eu andei nele, pai! Fiz umas viagens.

- ERNESTO E os pneus, como estão, filho?
- BATISTA Bons.
- ERNESTO Tem que checar os pneus. É importante, você sabe.
- BATISTA Não estão novos, mas dá pra aguentar muito tranco. Muito mesmo. Meia-vida. O combinado é dar vinte e cinco por cento de entrada. Três mil.
- DONA OLGA *(Reage, mas está interessada.)* - Três mil?!
- ERNESTO *(Quase agressivo.)* - Espera, Olga!
- BATISTA Olhando assim de frente, parece que é muito dinheiro. Mas não é. *(Tenta conquistar a confiança da mãe. É arriscado. Ele devia apoiar-se somente no pai. Mas sabe que tem que convencer mesmo é a mãe.)* A senhora vai ver que não é. Se eu tivesse que dar tudo de uma vez, os doze mil, aí não! Nem pensar. Eu nem falava nada.
- ERNESTO Doze mil também não é lá essas coisas...!
- DONA OLGA Ernesto! *(Ironizando o marido.)* O filho tem muito a quem puxar.
- BATISTA Ouve, mãe! Pra mim, ele diz que faz assim. Nós somos praticamente amigos, pai. Eu até fiquei uns dias com ele. Gente de primeira. Ele e o pessoal todo. Tudo gente séria! Tem um cara lá que vendeu a casa pra investir no negócio. A mulher e os filhos concordaram. Lógico que iam concordar! Vão poder depois comprar uma casa muito melhor! O combinado é a entrada e mais vinte e cinco por cento por mês. Três mil por mês. Barbada!
- DONA OLGA *(Nervosa.)* - Como é que você vai pagar isso por mês?
- BATISTA *(Sente que está envolvendo a mãe.)* - Calma, mãe. Primeiro, escuta.

- ERNESTO *(Encantado.)* - É uma paulada! Assim todo mês...!
- BATISTA Mas aqui é que tá o negócio. Eu vou ter como ganhar esse dinheiro todo mês. É lógico que eu vou ter que trabalhar feito um touro. Mas quem é que não tem prazer em trabalhar duro pra ganhar um monte de dinheiro?
- DONA OLGA Você vai fazer o que com esse caminhão?
- BATISTA Carregar terra.
- ERNESTO *(Espanto.)* - Terra?!
- BATISTA Terra, pai. Se um monte de terra tem que sair de um lugar e ir pra outro, ela tem que ser carregada!
- ERNESTO E pra onde é que você vai levar essa terra?
- BATISTA Tão fazendo a barragem. É uma usina hidrelétrica.
- ERNESTO Onde?
- BATISTA Aqui na fronteira. Vai ser a maior usina do mundo!
- ERNESTO *(Sem muita convicção.)* - Eu já ouvi falar nessa usina, Olga.
- BATISTA Vou ganhar por viagem. Trinta e cinco por viagem. O cara me explicou. Tirando óleo, despesas miúdas, sobra sessenta por cento de lucro por viagem. *(Faz a conta no papel, rápido, como se já a trouxesse decorada.)* Trinta e cinco por viagem. Se eu trabalhar duro, sem parar, posso fazer seis viagens por dia. *(Faz nova conta.)* Duzentos e dez por dia, pai! Isso sem trabalhar nos domingos. *(Euforia num crescendo.)* Ouvi dizer que agora vão trabalhar no domingo também. A obra tá atrasada. Vou calcular vinte e cinco dias por mês, tá bem? Por baixo. Seis viagens por dia, vinte e cinco dias... *(Pensa, está em dúvida.)* Não. *(Refaz. Sôfrego. Ernesto e dona Olga se aproximam.)* Tá'qui. Cinco mil duzentos e cinquenta! Se eu colocar o lucro de sessenta por cento... temos aí... aí... três mil e duzentos por mês! Livre! No bolso! Não é fantástico?
- ERNESTO *(Pega o papel e tenta com dificuldade conferir as contas, como que para acreditar.)* - Três mil e duzentos... Num

mês?!

- BATISTA Não dá nem pra acreditar! Três mil pro cara da prestação, ainda sobram uns trocados. Isso em três meses! No quarto mês, já vou ter o dinheiro pra pagar vocês. (*Exaltado.*) A partir do quinto mês, eu arrebento! (*Silêncio. Olha para a mãe.*)
- DONA OLGA (*Desconfiada.*) - Esse milagre tá muito fácil. O santo vai desconfiar.
- BATISTA A senhora acha que eu tô inventando?
- ERNESTO (*Ainda impressionado.*) - É muito dinheiro! Três mil e duzentos...!
- DONA OLGA Ninguém fica rico assim fácil.
- BATISTA Como fácil, mãe! Eu vou trabalhar de sol a sol! O dinheiro não vai cair do céu, não! É o que eu falei. Chegou a minha vez. Eu esperei anos por isso. Agora, eu quero trabalhar. Quero encarar. Num ano, eu vou conseguir pelo menos dois caminhões. Eu já fiz as contas. Boto empregado, posso tirar seis sete mil por mês. Ouvi dizer que a obra vai durar três anos. (*Delira.*) Eu passo de dez caminhões, quer apostar, pai?
- ERNESTO (*Sem disfarçar a excitação nos olhos.*) - O que achou, Olga?
- DONA OLGA Não temos esse dinheiro.
- BATISTA (*Entre apreensivo e decepcionado.*) - Como não, mãe?
- ERNESTO E se a gente falar com o Sebastião?
- DONA OLGA (*Repreende-o, dura.*) - Ele também não tem dinheiro.
- BATISTA A gente junta o dinheiro de todo mundo.
- DONA OLGA Seu irmão é alfaiate. Você acha que ele ganha quanto?
- ERNESTO E o Vado?

- DONA OLGA *(Reage.)* - Você tá louco, Ernesto?! Deixa o Vado em paz. Ele tá lá fazendo a vida dele.
- BATISTA Mãe! O negócio vale qualquer esforço. Se eu ficar rico, eu vou ajudar todo mundo. A senhora, o pai, o Sebastião! O Sebastião vai poder aumentar a alfaiataria. Comprar máquinas, montar fábrica. Hoje, todo mundo tá montando fábrica. Tá todo mundo pensando alto!
- ERNESTO Quem é que vai pagar esse dinheiro?
- BATISTA A empreiteira.
- ERNESTO E se ela não pagar?
- BATISTA A obra é do governo. É o governo quem paga.
- DONA OLGA *(Interessada.)* - Mas não é a...
- BATISTA A empreiteira é que faz, mãe, mas o dinheiro sai do governo. Ele que banca. Quem é que ia conseguir fazer uma obra daquela se não for o governo?
- DONA OLGA *(Muda o tom. Esvai-se aos poucos a desconfiança. Aumenta o interesse.)* - Então, você vai trabalhar pro governo?
- BATISTA É uma hidrelétrica, mãe.
- DONA OLGA Mas é do governo?
- BATISTA É, mãe! Eu falei que é!
- ERNESTO É coisa segura, Olga.
- BATISTA *(Apressando-se.)* - O governo paga pra empreiteira e a empreiteira paga pra mim. Dinheiro bom. Ali. Na mão!
- ERNESTO *(Satisfeito.)* - Se é o governo, Olga, a coisa é diferente.
- BATISTA Eu falei, é um negócio da China! Só que eu preciso do dinheiro pra começar. *(Volta-se para a mãe, em tom de súplica reticente.)* Mãe...!
- DONA OLGA *(Afastando-se, também tomada de inquietante*

excitação. Parece estar já decidida a dar o dinheiro.) - Tem que ver se seu pai tem esse dinheiro todo. *(Forte intenção na voz.)* Não é, Ernesto?

- ERNESTO *(Entendendo o recado da mulher.)* - Temos que ver.
- BATISTA *(Ansioso.)* - Só que a gente não pode demorar. Prometi pro cara que amanhã eu ia dar a resposta.
- ERNESTO Amanhã?!
- DONA OLGA Vai tomar seu banho. Seu pai vai ver o que ele pode fazer.
- BATISTA *(Agoniado.)* - Mas... mãe!
- DONA OLGA Vai tomar seu banho. Depois, vocês conversam mais.
- BATISTA *(Sentindo ter enfim o controle absoluto. Eufórico.)* - Sabe a primeira coisa que eu vou fazer quando ganhar esse dinheiro todo? Depois que eu pagar o caminhão? Vou pintar a casa pra senhora. *(Analisando a pintura.)* A senhora não acha que tá precisando? Quer dizer... A primeira coisa é a cirurgia do pai. Lógico que é a cirurgia!
- ERNESTO Com o doutor Valdemar...
- BATISTA Com quem o senhor quiser. O senhor vai poder escolher. Que se dane o deputado! Não precisamos de esmolas. A senhora sempre quis um banheiro de azulejo também... Era o sonho da senhora, não era, mãe? Um banheiro com paredes de azulejo.
- DONA OLGA Isso é coisa de rico.
- BATISTA E o que é que nós vamos ser?
- DONA OLGA *(Alegra-se. Contida, cede.)* - Então, eu prefiro primeiro o banheiro.
- BATISTA Combinado. Primeiro, os azulejos. A mãe é que manda! *(Pausa, pensa.)* Mas eu acho que dá pra fazer os dois de uma vez. Obra demora. Um mês. Dois! O dinheiro vai entrando, todo dia o dinheiro vai entrar. A gente pode ir fazendo tudo. O banheiro, as pinturas... Primeiro, a cirurgia,

- lógico...! O que acha, pai?
- ERNESTO O dinheiro entrando assim aos montes, acho que dá pra fazer tudo.
- DONA OLGA (*Censura.*) - Aos montes, Ernesto?! Aos montes. Valha-me, Deus!
- BATISTA (*Sem dar atenção.*) - Depois, a gente para um pouco, aí eu compro mais uns caminhões, e aí depois a gente pode pensar no Sebastião. O que acha, pai?
- DONA OLGA (*Entrega-lhe a mochila. Empurra-o para a porta.*) - Seu pai vai arranjar calça limpa pra você. Eu já levo a toalha e a cueca. (*Ri, tentando relaxar.*) A cueca do velho!
- ERNESTO (*Falsamente indignado.*) - O que é que tem a minha cueca?
- BATISTA (*Esnobe.*) - Não se preocupa, pai. Eu aguento cueca de velho. Depois, também, eu desconto. Só vou usar cueca de seda, vocês vão ver! (*Vira-se para a garagem.*) Vamos colocar um carrinho ali na garagem. Um Chevrolé. Que tal? O senhor gosta de Chevrolé?
- ERNESTO É... Não sei, filho.
- BATISTA (*Pegando as coisas, pronto para entrar.*) - É sempre bom ter um carro parado na garagem. Pra uma necessidade. Nunca se sabe. Um médico urgente... essas coisas! (*Entra.*)
- DONA OLGA Vai. (*Batista entra. Pegando o agrião e o pacote. Para o filho, sem conseguir esconder a euforia.*) - Você quer o agrião temperado só com vinagre ou vinagre e óleo?
- BATISTA (*Já na cozinha.*) - Só vinagre, mãe. Bastante vinagre!

CENA VII

DONA OLGA *(Sai acompanhando o Batista, pausa, logo volta. Voz baixa, como se falasse em segredo.)* - O que você achou?

ERNESTO Ele tá animado.

DONA OLGA Eu estou falando do negócio, Ernesto!

ERNESTO Bom, Olga!

DONA OLGA Achei o Batista mais seguro dessa vez.

ERNESTO Também achei.

DONA OLGA Será que o negócio é bom mesmo?

ERNESTO Três mil e duzentos por mês! Você sabe o que é isso, Olga?

DONA OLGA Gostei mesmo porque é com o governo.

ERNESTO *(Eufórico, falsamente empostado.)* - Se não fosse do governo, aí eu é que não ia querer dar o dinheiro.

DONA OLGA Como é que nós vamos arranjar esse dinheiro?

ERNESTO Nós temos o dinheiro, Olga.

DONA OLGA Se dermos os três mil, vamos ficar sem nada.

ERNESTO Daqui uns meses, ele paga, não ouviu ele falar?

DONA OLGA *(Pensativa.)* - Você só vai dar dois mil.

ERNESTO E o resto?

DONA OLGA Vou pedir pro Sebastião.

ERNESTO Mas ele tá juntando pra comprar um carrinho.

DONA OLGA Ele pode esperar... *(Decidida.)* Eu vou falar com o Sebastião.

ERNESTO Eu vou lá chamar ele.

DONA OLGA *(Reage.)* - Não! Melhor não. Tenho medo que eles briguem. Você sabe como o Batista é. Melhor eu ir lá na casa dele.

- ERNESTO *(Alegra-se.)* - Já que agora eu vou fazer a cirurgia, vou poder voltar a trabalhar. Fazer umas calças de vez em quando. É um dinheirinho que entra. *(Encantado, anda.)* O Batista ganhar três mil por mês...! Parece mentira!
- DONA OLGA *(Silêncio. Apreensiva, afasta-se da porta.)* - O Batista ganhar esse dinheiro todo. Eu tô preocupada...
- ERNESTO E não é bom?!
- DONA OLGA Ele não sabe segurar dinheiro.
- ERNESTO Agora é diferente, Olga. É dinheiro mesmo. Do grosso! Ele pode colocar na poupança.
- DONA OLGA Pra ir lá e pegar a hora que quiser?
- ERNESTO Ele não vai fazer isso.
- DONA OLGA E você acredita.
- ERNESTO Então, você quer o quê?
- DONA OLGA Não sei. Não é justo. A gente entrar com o dinheiro e ficar por isso mesmo...
- ERNESTO Nós vamos ajudar o nosso filho a ganhar três mil por mês!
- DONA OLGA *(Reage.)* - O lucro vai ficar tudo com ele?! E pra gente, nada? Você sabe o que vai acontecer. Ele vai jogar tudo fora. Por isso que eu tô falando. Nós temos que ajudar o Batista a guardar esse dinheiro. Você e eu!
- ERNESTO *(Desconfiado.)* - Olga, o que é que está acontecendo...
- DONA OLGA Nós é que vamos comprar o caminhão, não é?
- ERNESTO No começo, sim.
- DONA OLGA Sem o nosso dinheiro, ele não compra o caminhão.
- ERNESTO Eu acho que não.
- DONA OLGA Eu tenho certeza! Ninguém mais vai emprestar dinheiro pra

ele.

- ERNESTO *(Quase implorando.)* - É uma oportunidade boa, Olga!
- DONA OLGA *(Exaspera-se.)* - Só pra ele? E nós? Tem que ser nossa também. Nossa, do Sebastião, da Maria. Pensa um pouco. Todo mês entrando um dinheiro pra gente viver. É duro ficar dependendo de filho.
- ERNESTO Mas nós não dependemos.
- DONA OLGA Como não! Você tem dinheiro pra pagar a cirurgia? *(Ofendida com a incompreensão do marido.)* A verdade é que eu só estou procurando um jeito de ajudar o Batista.
- ERNESTO Nós não vamos dar o dinheiro pra ele?
- DONA OLGA Santo Deus! Não é disso que eu tô falando!
- ERNESTO Você tá nervosa.
- DONA OLGA Você é que me deixa nervosa. Eu tô falando que nós precisamos ajudar o Batista a segurar esse montão de dinheiro. E o jeito de ajudar é ficar com uma parte do lucro. Entendeu agora? Por isso que eu tô falando. O melhor jeito é ele dar um percentual fixo pra nós. Todo mês. *(Silêncio. Abaixa o tom.)* Um percentual todo mês.
- ERNESTO E... se ele não aceitar?
- DONA OLGA Você não dá o dinheiro.
- ERNESTO Mas nós prometemos!
- DONA OLGA *(Maldosa.)* - Eu conheço o Batista. Ele não vai querer sair daqui sem o dinheiro. *(Tom de ordem.)* Você vai pedir quarenta por cento do que ele ganhar.
- ERNESTO Quarenta? *(Reage.)* Eu não vou fazer isso.
- DONA OLGA Sem o nosso dinheiro, ele não compra o caminhão.
- ERNESTO Quarenta por cento é quase metade do que o coitado vai ganhar!

- DONA OLGA Então, pede trinta.
- ERNESTO (*Reage.*) - Isso não tá certo, Olga. O dinheiro é dele.
- DONA OLGA (*Agressiva.*) - E o nosso dinheiro?
- ERNESTO Ele vai devolver.
- DONA OLGA Se você não falar com ele, falo eu. Trinta por cento ou nada. (*Silêncio.*) O Sebastião só vai querer emprestar o dinheiro dele se for nessas condições. Trinta por cento. Eu conheço o Sebastião. Ele não vai querer saber se o Batista é irmão ou não. Negócio é negócio.
- ERNESTO (*Nervoso.*) - Isso vai dar briga!
- DONA OLGA Não se preocupe. Eles não vão se encontrar. Você vai dizer pro Batista que nós vamos colocar os trinta por cento na poupança. (*Encara Ernesto.*) É só isso que você vai dizer pro Batista. Que nós estamos fazendo isso porque nós queremos guardar o dinheiro dele na poupança. (*Muda o tom.*) Agora, vai lá no Sebastião buscar as calças. Diz pra ele que mais tarde eu passo lá. Mas não diz do que se trata. Só fala que o Batista tá aqui e que até agora não teve briga. (*Eleva o tom.*) E nem vai ter.
- BATISTA (*De fora.*) - Mãe!
- DONA OLGA Vai! (*Indeciso e nervoso, Ernesto olha em volta.*) O que foi?
- ERNESTO Meu chapéu.
- BATISTA (*De fora, grita.*) - Mãe! A toalha!
- DONA OLGA (*Para o marido.*) - O chapéu tá lá na sala. (*Entra, Ernesto vai atrás dela. Ele está visivelmente agitado.*)

Fim do Primeiro Ato

ATO II

(O mesmo cenário, porém, agora todo reformado. A pintura é de um verde-claro vistoso. As esquadrias da janela foram pintadas de branco, e o vidro quebrado do basculante, trocado. A porta da cozinha substituída, exageradamente almofadada, branca, e os batentes verde-escuros. No lugar da antiga cadeira de balanço, veem-se agora três cadeiras de jardim, pouco confortáveis, o acento em almofada de tecido xadrez, de bom gosto. Ao centro, uma mesinha redonda, baixa, mesmo estilo, material e cor das cadeiras. O antigo banco continua, agora posicionado perpendicular à porta da cozinha, um pouco afastado, para não atrapalhar a passagem. Onde antes havia o pé de laranja, veem-se agora três vasos, dois deles maiores, cuidadosamente arranjados com folhagens verdes exuberantes, e um menor, onde viceja um broto de jabuticaba.)

(O cenário mantém-se vazio por um tempo, o suficiente para que o público reconheça as mudanças ocorridas nele. Muita luz e muito brilho de um começo de manhã ensolarada.)

CENA I

(Som longínquo de um telefone tocando dentro da casa,

insistente, até que alguém atende. Ouvem-se murmúrios. Ernesto vem da cozinha, traz à mão um regador, dirige-se até os vasos e rega-os. Veste-se de forma vaidosa. Calças de tergal, tom escuro, camisa de mangas curtas, clara. Apresenta-se um pouco mais envelhecido. Talvez por causa dos óculos, que agora está usando, de aros pretos. Observa o vaso menor, atento. Reage com incontida alegria.)

ERNESTO Brotou! Olga, brotou! (*Reexamina. Volta-se.*) Olga, você tá me ouvindo?

DONA OLGA (*Da cozinha.*) - Não precisa gritar, não sou surda.

ERNESTO Não falei que ia brotar? É só regar todo dia. O Osvaldo tinha razão. Jabuticabeira gosta é de água. Você vai ver. Daqui três anos, vai dar jabuticaba. É só não esquecer de regar.

(Dona Olga vem da cozinha. Traz um vestido de tons sóbrios, com gola curta, mangas apertadas. Por cima, um avental de cintura, de listras verticais. As chinelas são novas, de certo estilo. Os cabelos longos presos na nuca. Mantém o ar tenso. Mostra-se alegre e ansiosa com o fato de o broto de jabuticaba ter vingado. Aproxima-se do vaso.)

DONA OLGA Benza, Deus!

ERNESTO Não falei que ia brotar?

DONA OLGA O Vado vai ficar contente.

ERNESTO Temos que avisar ele.

DONA OLGA Vou perguntar pro Vado quando é que temos que replantar.

ERNESTO (*Ofendido.*) - Não precisa perguntar, eu sei!

- DONA OLGA E se você deixar a jabuticaba morrer?
- ERNESTO Quem é que disse que eu vou deixar ela morrer?
- DONA OLGA Você já replantou muda de jabuticaba?
- ERNESTO Tem algum segredo?
- DONA OLGA Não precisa ficar nervoso.
- ERNESTO *(Agitado.)* - Será que eu não consigo nem cuidar de uma mudinha de jabuticaba?
- DONA OLGA Foi o nosso Vado que plantou.
- ERNESTO Eu sei, não precisa ficar me dizendo. Por que você acha que eu rego essa coisinha todo santo dia? De manhã, de tarde, de noite? *(Volta a examinar o broto. Amuado.)* Eu sei o que eu tô fazendo.
- DONA OLGA *(Olha para o jardim, desafiadora.)* - Então, me diz. Onde é que você vai replantar o brotinho?
- ERNESTO É melhor ali. Atrás daquelas... *(Irritado.)* Como é que chama mesmo aquelas flores coloridas?
- DONA OLGA É muita planta nesse jardim. Eu não consigo guardar tanto nome.
- ERNESTO Bromélias! *(Repreendendo-a.)* Aquilo é bromélias, Olga!
- DONA OLGA E precisa falar desse jeito?
- ERNESTO Vamos plantar atrás das bromélias, naquele espaço vazio.
- DONA OLGA Será que o Vado vai achar bom ali?
- ERNESTO Osvaldo, Olga! Ele gosta que a gente chama ele de Osvaldo!
- DONA OLGA Ele é meu filho. Chamo ele como eu quiser. *(Com orgulho.)* Ele sempre vai ser o meu Vado. Eu vou telefonar pra ele. Vou perguntar se ali tá bom. Atrás daquelas... *(Esquece o nome.)*

- ERNESTO Vai, vai lá telefonar. Eu não sou capaz mesmo de tomar conta de um jardim!...
- DONA OLGA Você não sabe nem dizer o nome das plantas e quer ser jardineiro.
- ERNESTO E você sabe?
- DONA OLGA Por isso que eu não me meto a ser jardineira.
- ERNESTO Você sabe como chamam aquelas plantinhas amarelas ali?
- DONA OLGA *(Saindo para a cozinha.)* - Me deixa em paz.
- ERNESTO Pingo-de-ouro, Olga! *(Acentua.)* Pingo-de-ouro!

(Começam a ouvir acordes tristes de uma gaita. Ernesto e dona Olga ficam petrificados. Entreolham-se. O som aumenta, enchendo o palco com seus acordes tristes e plangentes.)

- DONA OLGA *(Assustada, para à soleira da porta da cozinha..)* - Que é isso?
- ERNESTO Gaita.
- DONA OLGA Santo Deus!
- ERNESTO *(Volta-se para o canto esquerdo da casa, de onde está vindo o som. Voz baixa, em segredo.)* - Alguém tá tocando... ali...
- DONA OLGA *(Posicionada no limiar da porta. Tensa.)* - Vai lá ver quem é.
- ERNESTO Será que...
- DONA OLGA Vai! *(O som para. Entreolham-se.)*
- ERNESTO *(Encantado.)* - Parou!

- DONA OLGA Psiu! *(Faz com a mão um gesto de ordem, para que ele vá até o canto da casa.)*
- ERNESTO *(Fazendo menção de ir, ainda empunhando o regador.) - Fica aí. (O som da gaita reinicia, agora em ritmo andante, mais próximo. Ernesto para.)*
- DONA OLGA *(Gesticula para que Ernesto continue.) - Vai!*

CENA II

(Cessa a música. Batista torna-se visível primeiro para o público. Em trajes andrajosos, calças pretas e sujas, a camisa encardida, com um rasgo nas costas, chinelas rotas, de tiras, cabelos compridos, mal- cuidados. Aspecto deprimente. Traz uma pequena mochila de pano sujo a tiracolo, quase vazia. Na mão esquerda, a gaita, diferente da anterior, esta mais rudimentar. Na direita, um maço de agrião. Está recostado à parede lateral da casa, oposta à porta da cozinha. Apresenta-se um tanto embriagado. É inseguro. Agirá com gestos lentos, imprecisos, mostrando os efeitos do constante uso da bebida. Deixa-se ver para os pais, apontando o rosto desamparado.)

- ERNESTO Quem é? *(Adianta-se, sabe que é o filho, mas repete a pergunta, em tom mais severo.)* Quem é?
- DONA OLGA *(Vê o filho.) - É o Batista, Ernesto! Não tá vendo que é o Batista?*
- ERNESTO Eu sei, Olga! *(Desconcertado.)* Eu sei que é ele! *(Batista adianta-se, sempre se movendo rente à parede, contornando-a e parando quase junto à janela.)* O que foi que aconteceu com você?
- BATISTA *(Suplica.) - Pai...!*

- DONA OLGA *(Aproximando-se.)* - Valha-me, Deus!
- BATISTA Eu não ia querer... eu não ia querer nun...nunca que a senhora me visse assim, mãe! A senhora acha que eu ia querer? Eu... eu juro que não.
- DONA OLGA *(Tom duríssimo.)* - Eu já estou acostumada.
- BATISTA Eu não tô bê...bêbado, mãe!
- DONA OLGA *(Agressivamente irônica.)* – Não, não está!
- ERNESTO *(Confuso, coloca o regador sobre a mesa.)* - Me dá aqui o agrião. *(Coloca-o sobre a mesa, junto ao regador.)* Você tá bem, filho? *(Batista corre os olhos para um e outro enquanto discutem.)*
- DONA OLGA *(Irritada.)* - Você ainda pergunta, Ernesto? Você acha que ele está bem? Olha pra ele!
- ERNESTO Eu sei, Olga.
- DONA OLGA Então, por que pergunta?
- ERNESTO *(Confuso.)* - O que é que você quer que eu diga?
- DONA OLGA Nada! *(Entrega-se à decepção.)* Eu não disse pra você que um dia ele ia voltar? E nós que pensávamos que ele fosse estacionar o carro novo na frente da casa, pra todo mundo ver. *(Com raiva.)* Eu sabia que alguma coisa tinha dado errado! O que é que se pode esperar de um bêbado?
- BATISTA *(Suplicante.)* - Mãe...!
- DONA OLGA O que é que você veio fazer aqui? Já não tá satisfeito com o que fez?
- ERNESTO *(Irritado.)* - Calma, Olga! Deixa ele falar!
- DONA OLGA Para de ficar dizendo pra eu ter calma. Eu estou calma! *(Aponta o filho.)* O que você acha que ele veio fazer aqui?
- ERNESTO *(Tenta pegá-la pelo braço.)* – É nosso filho, Olga!

- DONA OLGA Me larga!
- BATISTA Sabe por que eu vim, mãe?
- DONA OLGA Lógico que eu sei.
- BATISTA Eu só vim, mãe... eu só vim porque eu não quero morrer. A... a senhora... entende? Eu não quero morrer... A senhora acha que eu quero morrer?
- DONA OLGA (*Desconfiada.*) - O que é que você andou aprontando?
- BATISTA Eu tô com medo...
- ERNESTO (*Angustiado.*) - Medo de que, filho?
- BATISTA Ele morreu, pai.
- DONA OLGA (*Olha para o marido.*) - Ele quem?
- BATISTA Eu não quero morrer também.
- ERNESTO Mas quem foi que morreu, filho?
- BATISTA O Ratinho.
- DONA OLGA Ratinho?!
- BATISTA (*Deixa o corpo escorregar ao longo da parede, agacha-se e com a mão direita pressiona o chão, como se estivesse esmagando algo.*) - Assim, ó! Esmagado...
- ERNESTO (*Ele e Olga se entreolham. Ele se inclina.*) - Que ratinho é esse, filho?
- BATISTA (*Voz baixa, como se tivesse medo.*) - Meu amigo.
- ERNESTO Seu amigo...?
- BATISTA Por isso que eu vim... pr... pra cá! Eu não aguento mais, pai.
- DONA OLGA Mas o que foi que aconteceu?
- BATISTA O... o negócio caiu em cima dele. Esmagou... ele, a senhora

entende? Aqui no pescoço. Assim! *(Faz um gesto de cortar e olha para a mãe. Bestificado.)* Eu não morri, mãe!

- DONA OLGA *(Agressiva.)* - O que é que você andou aprontando?!
- ERNESTO *(Pega o braço dela.)* - Espera, Olga! Deixa ele acabar de contar.
- DONA OLGA *(Com um safanão, livra-se do marido.)* - Tira essa mão de mim!
- BATISTA Tava chovendo... Aí... aí o Ratinho e eu...
- ERNESTO Sim...
- BATISTA Nós fomos dormir lá... lá debaixo de uma... de uma...
- ERNESTO De uma...
- BATISTA Caçamba...
- ERNESTO De caminhão?
- BATISTA Cheia de madeira, pai! Tudo caiu em cima da gente. Alguma coisa soltou e..., tudo caiu no pescoço dele! *(Faz o gesto da degola.)*
- DONA OLGA *(Mãos no rosto.)* - Santo Deus!
- BATISTA Eu só via a cabeça dele, mãe! Jogada lá. Os olhos dele olhando pra mim... *(Começa a chorar.)*
- DONA OLGA Não foi pra isso que eu criei você!
- ERNESTO Levanta daí, vamos.
- DONA OLGA Não vê que ele não consegue ficar em pé.
- ERNESTO Ele não precisa ficar sentado no chão. Vem, filho, levanta. Eu ajudo. *(Vendo que o Batista não se mexe, inclina-se.)* Batista! *(Estende-lhe as mãos.)* Olga, pega no outro braço. *(Ajuda-o a se levantar. Batista está cansado, física e moralmente. Ernesto tenta levá-lo para uma das cadeiras.)*

- BATISTA Entendeu por que eu voltei, pai?
- ERNESTO Tudo bem, filho. Nós entendemos.
- BATISTA Entendeu, mãe?
- DONA OLGA Aí, não! Vai sujar a almofada.
- ERNESTO Tira, então! (*Dona Olga tira a almofada, mas logo devolve.*)
- BATISTA (*Reagindo com o corpo.*) - Eu não quero sentar.
- ERNESTO Você precisa descansar.
- BATISTA Eu fico em pé.
- ERNESTO (*Insistindo.*) - Filho...
- BATISTA (*Ressentido, ergue a voz.*) - A mãe não quer que eu... eu sento, pai.
- ERNESTO É só tirar a almofada... Olha, tirei.
- BATISTA (*O ressentimento parece dar-lhe certo vigor físico.*) - Eu não vou sujar a... a sua... a... Não vou não, mãe. Não precisa se preocupar. A senhora nunca precisa se preocupar comigo. Nunca!
- DONA OLGA (*Pega a almofada da mão do marido e a coloca no lugar.*) - Como seria bom se a gente não precisasse se preocupar.
- BATISTA Pai...
- ERNESTO Que, filho?
- BATISTA Eu queria... um pouco... d'água.
- ERNESTO (*Sempre na preocupação de agradá-lo.*) - Corre lá, Olga! Traz água pra ele.
- DONA OLGA (*Estúpida.*) - Me dá aqui esse agrião.
- ERNESTO (*Tenta contemporizar. Para a mulher.*) - Coloca bastante

vinagre quando você fizer a salada. Você gosta de bastante vinagre, não é, filho?

- BATISTA É, pai.
- DONA OLGA *(Saindo.)* - Isso tá murcho.
- BATISTA Tem pimenta?
- DONA OLGA *(Volta-se, surpresa.)* - Pimenta?!
- BATISTA Uma pi...pimentinha...
- DONA OLGA *(Surpresa.)* - Você tá comendo pimenta agora?
- BATISTA *(Feliz.)* - Tô, mãe! Olha... *(Em gestos lentos, tenta abrir a mochila, mas logo percebe que não vai conseguir. Livra-se dela pela cabeça, abre-a com dificuldade, procura algo, tira de dentro uma pequena garrafa de pimenta, suja, quase vazia. Estende-a para a mãe enquanto deposita a mochila sobre a mesinha.)* Essa serve?
- DONA OLGA *(Demora a pegar. Não disfarça o nojo.)* - O que é isso?
- BATISTA Isso tudo é pimenta, mãe. A se...senhora coloca um pouco de vinagre dentro e a...agita. A senhora vai ver como é que fica bom. As...sim. *(Agita com dificuldade. É claro que ele já fez isso muitas vezes naquela garrafinha, e quase não há mais pimenta. Só o bagaço.)* Quando eu... eu for comer, eu espalho no agrião.
- DONA OLGA *(Pega a garrafinha de pimenta, põe-na diante dos olhos, examina-a enquanto vai entrando.)* - Vou jogar essa porcaria fora.
- BATISTA Não, mãe, não joga, não! É só es... espremer.

- BATISTA *(Anima-se um pouco, sente-se mais à vontade.)* - Pimenta é bom no frio, pai. Esquenta.
- ERNESTO *(Preocupado, sem ouvi-lo, tira a almofada.)* - Senta um pouco.
- BATISTA *(Reage, agressivo.)* - Não quero!
- ERNESTO No banco, então. Ali... *(Confuso. O silêncio o incomoda.)* - Pensei que você não viesse mais.
- BATISTA Seria bom que eu tivesse morrido com o Ratinho. A mãe ia gostar.
- ERNESTO *(Censurando.)* - Para com isso, Batista.
- BATISTA *(Caminha com dificuldade, põe-se a observar o jardim.)* - Pai...!
- ERNESTO Que foi?
- BATISTA Cadê a goiabeira?
- ERNESTO *(Incomodado.)* - Cortaram, filho. Foi preciso.
- BATISTA *(Reage.)* - Por que, pai?!
- ERNESTO Bem... É que...
- BATISTA *(Vira-se lentamente, ressentido.)* - Quem, pai? Quem cortou?
- ERNESTO Ela tava morrendo. Os galhos... secaram!
- BATISTA Por que o senhor não esperou eu voltar? O senhor sabia que eu ia voltar!
- ERNESTO Você demorou, filho.
- BATISTA Ela não ia morrer, pai. Ela ia me esperar! *(Silêncio.)* Vocês acharam que eu nunca mais ia voltar, não é?
- ERNESTO Você não deu mais notícia... Esse tempo todo.

- BATISTA *(Pausa.)* - Os pés de tangerina também, pai? Eles se... secaram?
- ERNESTO É que resolvemos fazer umas mudanças. Você sabe...
- BATISTA *(Gira, observando. Aponta para a casa.)* - Ficou bonita. A cor...
- ERNESTO *(Alegrando-se, como se esperasse por aquela resposta, para se sentir seguro.)* - Ficou bonito, não ficou?
- BATISTA Essas cadeiras... As almofadas da mãe... Quem foi que deu dinheiro pra isso tudo? Foi o Vado, não foi?
- ERNESTO *(Incomodado.)* - Filho, escuta...
- BATISTA *(Agressivo.)* - Pode dizer!
- ERNESTO *(Intimidado, olha para a porta da cozinha.)* - Foi.
- BATISTA *(Sorri, irônico.)* - Só podia ser ele... o preferido!
- ERNESTO Ele teve aqui semana passada.
- BATISTA *(Admirado, como se isso fosse impossível.)* - Aqui?!
- ERNESTO Ficou com a gente três dias.
- BATISTA Sério?! *(Decepcionado.)* O senhor sabe que eu quase vim semana passada? Quase! Eu ia me encontrar com o Vado, não ia?
- ERNESTO Ele ia gostar de ver você.
- BATISTA *(Volta-se, apontando a garagem.)* - O carro na garagem...
- ERNESTO *(Rendendo-se ao orgulho de pai.)* - Por isso que ele veio. Pra trazer o carro. Você sabe, filho. É sempre bom ter um carro na garagem. Eu não dirijo... nem sua mãe. Mas é bom ter. No caso de uma necessidade.
- BATISTA Lógico, pai. Um carro na ga... na garagem... é sempre bom.
- ERNESTO Sua mãe não queria. Sabe como é que ela é. Não se pode

gastar nada...

- BATISTA O telefone também? Eu... eu ouvi o telefone lá dentro.
- ERNESTO *(Reclamando do barulho do telefone.)* - Faz um barulho...!
- BATISTA *(Com amargura.)* - A mãe gosta muito do Vado.
- ERNESTO Osvaldo. Agora ele quer que a gente chama ele de Osvaldo. Sua mãe teima em não chamar. Você sabe como ela é. Teimosa. Não dá o braço a torcer. Acha que sabe tudo.
- BATISTA Onde o Vado trabalha?
- ERNESTO Bem... O certo mesmo eu não sei...
- BATISTA *(Começa a caminhar, agitado, mas com dificuldade.)* - No governo?
- ERNESTO Ele tá metido na política. Sua mãe sabe de tudo. Depois ela explica.
- BATISTA Quer dizer que o Vado tá rico...
- ERNESTO *(Com orgulho.)* - Ele deu uma boa aprumada, isso ele deu!
- BATISTA Foi ele que mandou cortar a goiabeira, não foi, pai? *(Agressivo.)* Pode dizer. Foi ele, não foi? *(Pausa.)* Ficou rico, agora ele pode mandar cortar... Não é, pai?

CENA IV

- DONA OLGA *(Vem da cozinha, traz um copo de água.)* - Aqui, ninguém tá rico, não, Batista
- BATISTA O pai me contou que o Vado...
- DONA OLGA *(Cortando, voz dura.)* - Seu pai não sabe o que tá dizendo.

Ele acha que se você pode comprar um par de calças novas é porque tá rico. E agora que colocaram aquele carro na garagem, ele acha que é milionário. Você precisa ver como ele anda na rua. Olhando por cima, feito um besta.

- ERNESTO Pobre não compra um carro daquele, Olga.
- DONA OLGA Foi você que comprou?
- BATISTA Foi o Vado, o pai me disse.
- DONA OLGA (*Ameaçadora, para o marido.*) - Língua frouxa!
- BATISTA (*Olhando em torno.*) - Não precisa ficar brava com o pai não, mãe. Eu tô vendo! Pra fazer isso tudo, o Vado deve ter gastado um bocado de dinheiro. Quem é que não vê que o Vado tá rico? Aposto que ele fez o banheiro de azulejos pra senhora também.
- DONA OLGA O dinheiro que temos mal dá pra gente viver.
- BATISTA (*Ressentido, agressivo.*) - Eu não vim pedir dinheiro, não, mãe! Pode falar. Não precisa ficar escondendo as coisas de mim.
- DONA OLGA Ninguém tá escondendo nada.
- BATISTA (*A bebida e o cansaço já pouco atrapalham sua verbalização.*) - É verdade que o Vado veio aqui?
- DONA OLGA (*Censurando, irônica.*) - Já contou essa também, Ernesto?
- BATISTA (*Excitado.*) - A senhora sabe que semana passada eu fiquei o tempo todo querendo vir pra cá? Parece que eu tava adivinhando. (*Censurando-se.*) Por que é que eu não vim? Besta! Eu devia ter vindo. Eu podia ter encontrado o Vado. Ia ser bom pra mim. Nossa...! Quanto tempo que eu não vejo o Vado! A gente precisa mesmo se encontrar...
- DONA OLGA Esquece seu irmão.
- BATISTA Eu não posso esquecer, mãe... Ele é meu irmão. (*Silêncio.*) Ele trabalha no governo, é isso?

- DONA OLGA *(Reage.)* - Eu não sei onde ele trabalha.
- BATISTA A senhora sabe, sim!
- DONA OLGA Por que é que você quer saber? Deixa seu irmão em paz!
- BATISTA *(Agressivo.)* - Por que é que eu tenho que deixar o Vado em paz? Só por que agora é político?
- DONA OLGA O que foi que você andou falando pra ele, Ernesto?
- ERNESTO O Osvaldo não ia se importar, Olga.
- DONA OLGA *(Nervosa.)* - Será que você não enxerga um palmo além desses óculos?
- BATISTA Telefona pro Vado, mãe. Diz que eu tô aqui.
- DONA OLGA *(Reage.)* - Eu não vou telefonar!
- BATISTA *(Decidido, afronta.)* - Então, eu telefono.
- DONA OLGA *(Desesperada, olha para o marido.)* - Nós não temos o telefone do seu irmão.
- BATISTA Me dá o telefone, mãe.
- DONA OLGA Nós não temos, Batista!
- BATISTA *(Voltando-se furioso para a mãe.)* - A senhora tem, sim! *(Afrontando-a.)* Eu sei que a senhora tem.
- ERNESTO Sua mãe não tem o telefone do seu irmão, filho.
- BATISTA Tem sim! *(Avança para a mãe.)* Eu não quero brigar com a senhora, mãe. Eu juro que eu não quero. *(Agarra a mãe, com dificuldade.)*
- DONA OLGA Ernesto!
- ERNESTO *(Puxando o Batista.)* - Batista! Calma, filho!
- BATISTA Eu preciso falar com o Vado, pai. Eu não quero morrer, o senhor entende?

- ERNESTO Nós vamos falar com ele...
- DONA OLGA Ernesto!
- ERNESTO Por que não, Olga?
- DONA OLGA *(Afronta o marido.)* - Você não vai falar com o Vado, Ernesto!
- BATISTA *(Jogando o pai contra a mãe.)* - Tá vendo, pai. A mãe não vai deixar o senhor falar.
- ERNESTO *(Olha para dona Olga, tenta impor-se.)* - Mas eu vou falar, filho. *(Recua.)* Ela vai deixar. Mas você tem que ficar calmo. Não adianta brigar. Vai lá tomar um banho. Descansa. Depois, a gente conversa.
- DONA OLGA Conversar o quê?
- ERNESTO *(Um tanto perdido e confuso.)* - Qualquer coisa, Olga! Sei lá!
- BATISTA *(Desvencilha-se do carinho do pai.)* - O senhor acha que eu vou desistir? Não vou, não! Eu... eu vou falar com o Vado! *(Está confuso.)* Pai...!
- ERNESTO Quê...?
- BATISTA Onde é que o Vado trabalha mesmo?
- ERNESTO *(Antecipando-se.)* - Espera, Olga!
- DONA OLGA Você não vai estragar a vida do seu irmão.
- ERNESTO *(Irrita-se.)* - Dá pra você ficar calada?! Pelo menos, uma vez na vida! Batista! Vem comigo. Você tem que tomar um banho. *(Tenta levá-lo para dentro.)* Vem. Eu vou ajudar você.
- BATISTA O Vado vai me arranjar um emprego, pai...
- ERNESTO *(Impaciente, tenta levá-lo para dentro.)* - Depois a gente vê isso.

- BATISTA *(Desvencilha-se do pai.)* - Tem que ser um bom emprego. *(Tom de deboche.)* Empreguinho eu não quero. *(Vira-se.)* Mãe! Eu... eu queria que a senhora me ouvisse.
- ERNESTO *(Sentindo-se impotente.)* - Depois, Batista, depois!
- BATISTA Agora, pai. Tem que ser agora! Mãe... *(Domina-o uma profunda tristeza.)* Ninguém sofreu mais do que eu...
- DONA OLGA *(Olha para o marido.)* - Só você é que sofre... *(Irônica.)* Eu sei.
- BATISTA *(Agressivo.)* - A senhora não sabe de nada!
- DONA OLGA *(Revida.)* - E o que é que você sabe? Você acha que nós sofremos pouco?
- BATISTA Eu não tive culpa!
- DONA OLGA De ter levado todo nosso dinheiro? De ter deixado seu pai quase ficar cego?
- BATISTA *(Recua, gagueja.)* - Mas... mãe! Eu fiz tudo... certo... Como o... o combinado!
- DONA OLGA Olha bem pra você. Isso aí foi o combinado?
- BATISTA Se tudo tivesse dado certo, eu ia trazer o dinheiro. Os... trinta por cento da senhora...
- DONA OLGA Eu não quero mais falar sobre isso.
- BATISTA Mas eu quero! Eu preciso contar tudo!
- ERNESTO Você devia ter voltado, filho, mesmo sem o dinheiro.
- BATISTA Eu fiz tudo o que eu podia, pai. O senhor acredita em mim?
- ERNESTO *(Sem convicção.)* - Eu sei que é difícil, filho.
- BATISTA *(Volta a ficar agressivo.)* - O senhor não sabe de nada! Nem o senhor nem a mãe! Pai, ia tudo bem... O senhor precisava ver. Eu cheguei lá na usina e comprei o caminhão. No mesmo dia, eu entreguei o dinheiro e o cara me passou a

chave. E naquele dia mesmo eu fiz duas viagens. Pai, foi maravilhoso! Eu tava contente. Todo dia eram seis viagens. Eu acordava às cinco da manhã, pra estar às seis na draga. Ainda escuro. Meu caminhão era o primeiro a ser carregado. Eu nem parava pra almoçar. Comia enquanto esperava a carga. Ali, pai, atento! Seis horas da tarde eu tinha feito as seis viagens. Então, eu ia tomar banho e dormir. O primeiro mês eu paguei a prestação do caminhão, ali, nota sobre nota. Ainda sobrou dinheiro. No segundo mês, também. Ali, nota sobre nota. Mas as coisas já não foram as mesmas. Não sobrou dinheiro. Começaram a chegar mais caminhões. Todo dia chegavam aqueles mercedões quinze dezoito. Passava de cinquenta! A fila aumentava, o senhor entende? Demorava pra carregar. Eu precisava de seis viagens por dia pra pagar o caminhão. Comecei a chegar em casa às sete da noite. Depois, às oito. Às nove... Pai, eu precisava das seis viagens, eu fazia de tudo! Mas os caminhões iam chegando. Diziam que a empreiteira é que mandava eles virem. Vinha caminhão de longe. Não dava mais pra fazer seis viagens. Depois, a empreiteira baixou o preço. Era muita gente querendo os fretes. Disseram que daquele jeito não dava, que era muito caminhão, que tava atrapalhando, que o jeito era baixar o preço do frete, pra ver se as coisas se acalmavam. Eu esperava mais de duas horas pra carregar! Pra poder fazer quatro viagens, eu precisava trabalhar quatorze horas por dia! Quem não precisava pagar caminhão, tava tudo bem. Mas eu, não! O cara queria o dinheiro das prestações. No terceiro mês, eu só tinha conseguido juntar metade. O cara não aceitou. *(Começa a ficar agitado.)* Ele queria tudo. Tudo ou nada! Ele não podia aceitar a metade? Não podia, pai? A outra metade eu dava no próximo mês. Com juras. Eu falei pra ele. Falta pouco, eu me mato de trabalhar e as coisas se ajeitam. Mas ele não queria me ouvir. Ou paga ou entrega o caminhão! Mas o caminhão era meu! *(Agressivo.)* O cara não queria me ouvir, pai! O Ratinho perdeu o caminhão dele. Eu fui ficando nervoso. Aquilo não tava certo. O Ratinho era meu amigo! *(Pausa.)* Tomaram meu caminhão, pai!

DONA OLGA

(Agitada, tomando as dores do filho.) - Mas ele não era seu?!

- BATISTA Era!
- ERNESTO Então?
- BATISTA Eu não tinha os documentos.
- DONA OLGA (*Assustada.*) - Como não?
- ERNESTO (*Admirado.*) - Você não tinha os documentos?!
- BATISTA (*Nervoso.*) - Pai, o combinado era só depois que pagasse tudo!
- DONA OLGA Você não disse isso pra gente!
- BATISTA Mãe...
- DONA OLGA Nós pensamos...
- BATISTA (*Grita.*) - Deixa eu falar! (*Silêncio.*) Eu convenci o cara a esperar mais um mês. Falei muito com ele. Éramos amigos... Por que ele não podia aceitar a metade? Então, ele veio no outro dia e disse que aceitava. A outra metade pro mês seguinte. Mas ia aumentar trinta por cento do valor. Era muito, mas eu não tinha outra escolha! Eu tinha, pai? Eu só queria o meu caminhão. (*Abalado.*) Mas três dias depois aconteceu.
- DONA OLGA (*Sempre assustada.*) - Quê?!
- BATISTA Uma peça lá estourou, mãe! Eu não sei como. Estourou! Eu não tinha o dinheiro pra consertar o caminhão. Eu tinha dado tudo pro cara. Mas eu ia arranjar o dinheiro pro conserto. Eu disse pra ele que ia buscar dinheiro com meus irmãos. Eu só precisava de um tempo. Mas ele não quis esperar. Ele quebrou nosso acordo, o senhor entende? Aí as coisas perderam o controle. Aí eu... eu fiz a besteira. (*Reage.*) Não tava certo, pai!
- DONA OLGA O que foi que você fez?
- BATISTA Acertei o cara! Bem no queixo. (*Ri.*) Arrebentei os dentes do filho da puta! Foi legal... Eu não podia deixar ele estragar a minha vida, podia? Ele não podia levar meu

caminhão, podia? (*Silêncio.*) Aí apareceram uns caras e me levaram pro mato. (*Breve silêncio.*) Eles me levaram pro mato, pai! (*Começa a chorar.*)

- ERNESTO (*Abalado.*) - Calma, filho!
- DONA OLGA (*Rancorosa.*) - Você não disse que o caminhão não ia ter documento.
- BATISTA Eu achei que não precisava.
- DONA OLGA Você não falou de propósito.
- BATISTA Mãe!
- DONA OLGA Você enganou a gente.
- ERNESTO Os negócios são assim, Olga! Documento só depois que paga tudo.
- DONA OLGA Mas eu não sabia!
- ERNESTO (*Tenta minimizar a dor.*) - O dinheiro não fez tanta falta assim.
- DONA OLGA (*Revolta-se.*) - Agora, você diz isso! E quando você ficava sentado ali no banco, o que é que você resmungava? Eu tive que ir atrás de dinheiro pra gente comer. Você ficava ali sentado, porque você tinha medo de pedir dinheiro pros filhos. O que mais importava pra você, meu velho, se todo dia seu prato de comida estava em cima da mesa! (*Volta-se para o Batista. Raiva incontida.*) Quanto tempo ficamos esperando você dar notícias? O que é que nós falamos depois de três meses, Ernesto? Bem, agora o Batista já pagou o caminhão. No próximo mês, ele vai começar a mandar o dinheiro. Não foi? (*Nervosa.*) Não era o que dizíamos, Ernesto? Depois, veio o próximo mês... o próximo...!
- BATISTA Mãe, eu não contei pra senhora tudo o que aconteceu?
- DONA OLGA E as farras? Não vai contar as farras, não?
- BATISTA Eu só bebia pra poder ficar acordado. Pra aguentar o

cansaço! Eu sou um homem trabalhador, mãe! Não diz que eu não sou. Eu sou, sim...! Só que a senhora nunca acreditou em mim. (*Volta-se para o pai.*) Não é, pai? O Vado tá aí, rico. Hoje eu também podia ser alguém, se as coisas tivessem dado certo.

- DONA OLGA Só que elas não deram.
- BATISTA Mas eu quis que dessem!
- DONA OLGA Como? Arranjando briga com os outros? Como aconteceu no Exército?
- BATISTA No Exército, foi diferente, mãe! Aquele tenente era um filho da puta. Eu não ia conseguir dormir enquanto não acertasse a cara dele. Arrebentei mesmo! E arrebento de novo. Eu não sou obrigado a aguentar humilhação. As coisas não podem ser só como os outros querem, não!
- DONA OLGA Você nasceu pra fazer os outros sofrerem!
- BATISTA Eu não tinha que ter ido pro Exército!
- DONA OLGA Pelo menos, lá ensinam coisa boa.
- BATISTA O Vado não foi.
- DONA OLGA Por que o Vado não é igual a você.
- ERNESTO (*Interfere, assustado.*) - Você também não ia, filho. É que eu não consegui falar com o capitão.
- BATISTA Mentira! A mãe é que não deixou o senhor ir lá falar!
- DONA OLGA (*Magoada.*) - Como não deixei?!
- BATISTA Pode dizer a verdade, mãe. A senhora queria que eu fosse pro Exército.
- ERNESTO Eu fui falar com o tenente.
- BATISTA O senhor sabia que o tenente não ia resolver nada!
- DONA OLGA O Exército foi mais uma coisa boa que você jogou fora!

- BATISTA *(Ameaçador.)* - Só que agora a senhora não vai me impedir de falar com o Vado...! *(Desafiador.)* E vou contar tudo pra ele. Olhos nos olhos. Quero ver se ele vai ter a coragem de me negar ajuda. E eu não vou aceitar qualquer empreguinho, não! *(Pausa. Decidido)* Pai, eu quero falar com o Vado. Agora! *(Silêncio.)* O senhor não vai me ajudar? Tudo bem. Eu vou lá no Sebastião. *(Começa a sair.)*
- DONA OLGA *(Tenta impedi-lo.)* - No Sebastião, não! *(Batista dá um tranco.)* Ernesto!
- ERNESTO *(Acudindo, pega Batista pelo braço.)* - Calma, filho!
- BATISTA Me solta. *(Livra-se, brusco, transtornado, vai em direção à saída.)* Ninguém vai me impedir de falar com o Vado... O meu irmão Vado!
- DONA OLGA *(Percebendo que perde o controle da situação.)* - Você quer mesmo falar com seu irmão? Quer, Batista? *(Batista havia contornado a casa, para, pego de surpresa. Reaparece. Ela amansa a voz.)* Você quer falar com seu irmão?
- BATISTA Com o Vado?
- DONA OLGA É.
- BATISTA *(Desarmado.)* - Sério, mãe?
- DONA OLGA Eu vou telefonar pra ele. Vou explicar tudo.
- BATISTA *(Desconfiado.)* - Explicar o quê?
- DONA OLGA *(Indecisa.)* - Que você tá aqui. Que você quer falar com ele.
- BATISTA A senhora então entendeu por que eu quero falar com o Vado?
- ERNESTO *(Amparando Batista.)* - Nós só queremos que você fique calmo.
- BATISTA O senhor, pai! O senhor entendeu por que eu preciso falar com o Vado?

- ERNESTO *(Tenso.)* - Melhor obedecer a sua mãe, filho.
- BATISTA Eu só quero ter uma oportunidade. É justo, não é?
- ERNESTO É justo. É justo, sim!
- BATISTA Governo sempre é uma oportunidade boa. Eu sou inteligente. Quando eu dizia que queria ser alguém importante, a senhora brigava comigo. *(Arremeda a mãe brigando com ele.)* Pra que tanta ambição, menino?! Mas eu tinha muita ambição. Eu queria ser piloto de avião! *(Imita avião, triste.)* Piloto de avião... *(Sorri ternamente.)* Mãe, eu só quero ser alguém...! *(Desespera-se.)* Eu não sou isso que eu sou, mãe! A senhora me entende? *(Pausa.)* A senhora não vai telefonar?
- DONA OLGA *(Que havia pensado que o filho não fosse mais tocar no assunto.)* - Vou! Vou, sim!
- BATISTA Então, vai...!
- DONA OLGA Fica aí conversando com seu pai. Eu já volto. *(Faz um aceno de cabeça para o pai, que não entende. Sai.)*

CENA V

- ERNESTO Viu como as coisas se resolveram? Sua mãe é cabeçuda, mas tem o coração bom. A gente só tem que ter o trabalho de convencer.
- BATISTA Ela sempre foi assim, não é, pai?
- ERNESTO É o jeito dela. Nós somos mais decididos, você e eu. Quando nós queremos uma coisa, vamos atrás. Às vezes, a gente nem pensa direito. Ela, não. Vai devagar... reclama... desconfia... O Sebastião é igualzinho. O Sebastião e a Maria. Quando juntam os três, aí é que não sai nada mesmo! *(Riem.)*

- BATISTA A mãe me deixa nervoso.
- ERNESTO Ela é sua mãe. Você tem que respeitar.
- BATISTA Eu sei, pai!
- ERNESTO Mas às vezes você esquece.
- BATISTA Eu só fico nervoso.
- ERNESTO E não é a mesma coisa? Não tô censurando você. Só tô dando um conselho. Trata melhor sua mãe. Vai ver como você consegue tudo. Ela tá lá conversando com o Osvaldo. Você pode ter certeza. Se ela disser pra ele ajudar você, é tiro e queda. Ele vai fazer os gostos dela. Ele sempre faz os gostos da mãe.
- BATISTA Eu vou ficar calmo. Prometo.
- ERNESTO Não se consegue nada com nervosismo, você sabe.
- BATISTA *(Altera-se.)* - Eu só quero ter as coisas, pai. Só isso!
- ERNESTO É justo. Mas vai com calma. É calado que a gente consegue o que quer.
- BATISTA *(Agressivo.)* - Calado, pai?!
- ERNESTO *(Desconcerta-se.)* - É... Calado!
- BATISTA Se o cara pisa em você, você não tem que falar nada, é isso?
- ERNESTO *(Confuso.)* - Falar pra que, filho? Pra arranjar mais confusão?
- BATISTA *(Retoma o tom agressivo.)* - Por que o senhor acha que eu dei aquele murro no tenente? Eu tinha que dar o murro! Se eu não desse, eu ia ser um cara infeliz!
- ERNESTO Não podemos sair por aí batendo só porque nos viram a cara.
- BATISTA Mas ele me virou a cara! Ele me tratou como se eu fosse um bosta! Um animal! Um animal acuado, pai! Ele me

mandou fazer coisas absurdas! Coisas que eu nunca imaginei que fosse fazer. Eu fui lá perguntar pra ele, numa boa, o porquê daquilo tudo. Sabe o que ele fez, pai? O tenente cuspiu na minha cara!

- ERNESTO *(Admirado.)* - O tenente fez isso?!
- BATISTA O senhor acha que ele não merecia um murro?
- ERNESTO *(Acompanha a indignação do filho.)* - Se ele cuspiu...
- BATISTA Então!
- ERNESTO *(Indignado.)* - Mas que filho da puta...!
- BATISTA Eu sei como tratar um filho da puta, pai. Isso eu aprendi!
- ERNESTO *(Agita-se. Quase para si mesmo.)* - Eles merecem, filho...!
(Corta.) Vou mostrar uma coisa pra você. Vem cá! *(Conduz o filho até o vaso.)* Sabe o que é isso? *(Batista observa, atento.)* Jabuticaba!
- BATISTA Pequena assim... desse tamanho?
- ERNESTO Brotou essa noite. Ontem, não tava aí. Agora, tá! Não é maravilhoso?
- BATISTA O senhor que plantou?
- ERNESTO Seu irmão.
- BATISTA O Vado?
- ERNESTO Antes de ir embora, semana passada. Ele até brincou. Se não voltasse mais, a jabuticaba ficaria no lugar dele. Sua mãe ficou nervosa. *(Ri.)* Não gostou.
- BATISTA Foi o Vado que mandou cortar a minha goiabeira, pai?
- ERNESTO Jabuticaba gosta de muita água, sabia?
- BATISTA Foi o Vado, não foi?!
- ERNESTO *(Apressa-se.)* - Que tal você também plantar uma

jabuticabeira?

- BATISTA *(Para, desarma-se.)* - Eu?!
- ERNESTO É! Não seria ótimo?
- BATISTA Mas eu não ia querer plantar uma jabuticabeira.
- ERNESTO Por quê?
- BATISTA Eu quero a minha goiabeira!
- ERNESTO Filho... Eu acho que goiabeira não dá.
- BATISTA *(Implora.)* - Pai!
- ERNESTO *(Desconsolado.)* - Não é árvore de jardim, filho.
- BATISTA O senhor não entendeu! Dane-se o jardim do Vado!
- ERNESTO Mas, filho...!
- BATISTA Quem disse que não pode ter uma goiabeira ali? Atrás daquelas plantas coloridas, pai? *(Aponta o espaço vazio, atrás das bromélias.)* Ali! Quem disse que não pode ter uma goiabeira ali?

CENA VI

- DONA OLGA *(Vem da cozinha, traz no semblante uma certa confusão.)* - Falei com o Vado. Rapidinho. Ele tava ocupado numa reunião. Eu disse que você tava aqui. Ele ficou contente.
- BATISTA *(A partir daqui, ele tomará um ar de extrema alegria, alegria jovial, beirando a ingênua infantilidade. O telefonema da mãe trouxe-lhe a segurança de que precisava.)* - Ele ficou? Sério, mãe?

- DONA OLGA Vai ligar pra você à noite. (*Olha para o marido.*) Telefonei pro Sebastião também. (*Volta-se para o filho.*) Ele quer falar com você.
- BATISTA O Sebastião?!
- DONA OLGA Agora.
- BATISTA No telefone?
- DONA OLGA (*Tentando ser meiga.*) - Vem. O telefone tá lá na sala. Eu mostro pra você. (*Entra para a cozinha.*) Vem! O Sebastião não pode esperar muito. (*Tom baixo e severo para o marido.*) Você fica aí! (*Sai. Ernesto observa a mochila aberta em cima da mesa, depois se põe a examinar o broto de jabuticaba.*)

CENA VII

(Dona Olga vem da cozinha, entre apreensiva e decidida. Posiciona-se diante do pomar, os braços cruzados. Vê-se que está tomada de íntima confusão.)

- ERNESTO (*Cismado.*) - Que foi, Olga?
- DONA OLGA (*Em tom baixo.*) - Você e o Sebastião vão levar o Batista embora.
- ERNESTO (*Sem entender.*) - Embora?! Pra onde?
- DONA OLGA Quantos quilômetros têm daqui até a fronteira?
- ERNESTO Quase duzentos.
- DONA OLGA Então. Vocês vão atravessar a fronteira. Vão largar o Batista do lado de lá. O Sebastião sabe o lugar. Fica

preparado, ele já tá vindo.

ERNESTO Você telefonou pro Osvaldo? (*Silêncio.*) Olga, você telefonou pro Osvaldo?

DONA OLGA (*Nervosa, ameaçadora.*) - O Batista não pode ir atrás do Vado.

ERNESTO Você vai jogar seu filho do outro lado da fronteira.

DONA OLGA Que diferença faz? Não viu como é que ele tá? E vai ficar pior!

ERNESTO Eu não posso aceitar uma coisa dessas!

DONA OLGA Não precisa aceitar. É só ficar calado. O Sebastião e eu já combinamos tudo. Você vai fazer o que ele mandar. (*Ameaçadora.*) E ai se você abrir essa boca!

ERNESTO (*Insiste.*) - Eu vou falar com o Sebastião.

DONA OLGA Falar o quê?

ERNESTO (*Inconformado.*) - Que o que você tá fazendo não tá certo!

DONA OLGA A ideia foi dele.

ERNESTO (*Espantado.*) – Dele?!

DONA OLGA Todos os seus filhos têm vergonha do Batista. Só você que não vê.

ERNESTO O Batista precisa de ajuda. Só isso!

DONA OLGA O Vado não quer o Batista lá.

ERNESTO Mas ele perguntou pelo Batista...!

DONA OLGA Perguntou por perguntar.

ERNESTO Disse que viria pra cá com tempo... Ele queria procurar o Batista!

DONA OLGA Queria nada.

- ERNESTO Por que então ele disse que queria?
- DONA OLGA Pra agradar você, meu velho. Só isso. O Vado agora é um homem importante. O Sebastião tem razão. O Batista não pode nunca ir atrás do Vado!
- ERNESTO É só a gente não deixar.
- DONA OLGA Se ele ficar aqui, alguém vai dar com a língua nos dentes! Eu conheço o Batista, ele não vai largar o osso. Quanto mais longe, melhor!
- ERNESTO *(Tenta mostrar firmeza.)* - Eles são irmãos.
- DONA OLGA Pra darem dinheiro pra ele? Porque é só isso que o Batista quer.
- ERNESTO *(Nervoso, um tanto agressivo.)* - Você sempre teve a mania de jogar todo mundo contra o Batista!
- DONA OLGA Fui eu que fiz dele um bêbado? Fui eu que ensinei ele a ficar indo atrás de mulher e cachaça em vez de trabalhar?
- ERNESTO *(Desconcertado, caminha.)* - Você nunca... Nunca... *(Para.)*
- DONA OLGA *(Na ofensiva.)* - Nunca o quê, Ernesto?
- ERNESTO *(Confuso.)* - O Batista pensa que foi o Osvaldo que mandou cortar o pé de goiaba.
- DONA OLGA E não foi?
- ERNESTO Você sabe que não!
- DONA OLGA Pé de goiaba não é árvore de jardim.
- ERNESTO *(Ressentido.)* - Só por que dizem que não é?
- DONA OLGA *(Agressiva.)* - Se dizem, é porque é verdade!
- ERNESTO *(Recua.)* - A goiabeira podia muito bem ter ficado lá.
- DONA OLGA E você lá entende de jardim?

- ERNESTO Tudo é árvore! Qual a diferença?
- DONA OLGA Cortamos tudo, por que não íamos cortar a goiabeira?
- ERNESTO *(Eleva a voz.)* - Porque era do Batista!
- DONA OLGA Você tá arrumando confusão por causa de um pé de goiaba.
- ERNESTO Ele ficou muito chateado.
- DONA OLGA Agora, não adianta mais. Já tá cortado.
- ERNESTO *(Irritado.)* - Tá cortado! Pronto! Acabou. Fica por isso mesmo!
- DONA OLGA O que é que está acontecendo, Ernesto?
- ERNESTO Eu não quero que ele vá embora. Não desse jeito.
- DONA OLGA Ele vai, como ele veio.
- ERNESTO *(Nervoso e inseguro.)* - Eu não vou fazer isso. Não vou...
- DONA OLGA Tudo bem. Eu vou chamar o Sebastião e a Maria. Vamos telefonar pro Vado. Você vai dizer isso pros seus filhos. Olhando pra eles. Tudo bem? Você vai dizer que você quer o Batista aqui, andando bêbado pela cidade, fazendo dívida, nos enchendo a cara de vergonha! *(Silêncio.)* E aí, meu velho?
- ERNESTO Ele foi enganado por aqueles homens...
- DONA OLGA *(Irritada.)* - Quem tirou o caminhão do Batista foi a bebida!
- ERNESTO Você acha que ele tá mentindo?
- DONA OLGA *(Enfática.)* - O Batista sempre mentiu, Ernesto! Desde que roubava chicletes na padaria do Sanches! *(Ouve-se barulho de descarga. Apressada, muda o tom, mais duro.)* Escuta! O Sebastião vem buscar vocês daqui a pouco. O combinado é que vocês vão levar ele pra alfaiataria. Essa é a desculpa. Vocês vão até a alfaiataria, pra ele escolher um terno. Mas vocês não vão pra lá. Vocês vão parar num boteco. O Sebastião sabe qual é. Ele vai convidar o Batista pra tomar

uma cerveja. Deixa o Sebastião convidar. (*Ríspida.*) Você não fala nada. O Sebastião sabe o que tem que fazer. Tá tudo combinado. Vocês vão embebedar o Batista. Com pinga! Quando ele ficar bêbado, aí vocês colocam ele no carro e vão embora. Vocês vão deixar o Batista no banco da praça da igreja. O Sebastião sabe onde é. (*Silêncio. Emocionada e agressiva.*) É mais seguro sim, Ernesto! Banco de praça de igreja sempre é mais seguro!

- ERNESTO (*Pensativo.*) - Com certeza. Sempre tem gente.
- DONA OLGA (*Reage, com despropósito.*) - É seguro sim, por que não?
- ERNESTO Eu sei que é, Olga!
- DONA OLGA É que você nunca fala as coisas direito!
- ERNESTO Ainda bem que não é época de frio.
- DONA OLGA Ele vai ficar bem, lógico que vai. Ele não sofre mais. Tá acostumado. Ele agora é assim, Ernesto!

CENA VIII

- BATISTA (*Vem da cozinha. Vendo a mãe emocionada.*) - O que foi, mãe?
- DONA OLGA Nada não. Só tô aqui conversando com seu pai...
- BATISTA O senhor tá bem, pai?
- ERNESTO Tô, filho. Tô bem sim.
- BATISTA O banheiro ficou lindo com aquele azulejo. Eu entrei lá, eu vi. Fiz um xixizinho, tem algum problema, mãe? O Vado é um cara legal mesmo...!
- DONA OLGA Conversou com o Sebastião?

- BATISTA Conversei! Conversei, mãe. O Sebastião é um cara legal. Me tratou bem pra caramba!
- DONA OLGA Seu irmão é um homem bom.
- BATISTA Ele sempre foi meio esquisitão. Parece um padre. Todo cheio de nove-horas. Não consegue falar um palavrão. Qual o problema em falar um palavrão? É... Ele me tratou bem pra caramba. Fiquei até surpreso. Acho que ele nunca fez isso comigo...! Poxa...!
- ERNESTO A alfaiataria dele agora tá com duas portas.
- BATISTA (*Admirado.*) - Duas portas, pai?
- ERNESTO É a única alfaiataria da cidade que tem duas portas.
- BATISTA O Sebastião não me falou...
- DONA OLGA Por que é que ele ia falar?
- BATISTA Não sei. Porque é uma coisa importante. A única alfaiataria da cidade que tem duas portas...
- ERNESTO O mais velho dele já tá ajudando. O Dudu. Lembra do Dudu?
- BATISTA (*Pensativo.*) - Não, pai.
- ERNESTO O menino é esperto. Já corta pano. E agora tá aprendendo a riscar. Ouve o que eu digo. Logo, logo eles vão estar muito bem.
- BATISTA Hoje, todo mundo compra roupa feita, pai. Daqui um tempo, não vai mais existir alfaiataria.
- DONA OLGA (*Reage à realidade.*) - Tem muita gente que ainda usa alfaiate.
- ERNESTO Já foi melhor, Olga.
- DONA OLGA Que melhor o quê, Ernesto?!
- ERNESTO Pergunta pro Sebastião!

- BATISTA O Sebastião disse que me faz o terno em um dia. Que eu não preciso me preocupar. Poxa...! Ele quer que eu vá lá agora. Assim rápido. Poxa...! Sabe, mãe, ele me falou que é melhor um terno escuro. O que é que a senhora acha? (*Dona Olga não responde.*) A senhora tá me ouvindo?
- DONA OLGA Pode ser.
- BATISTA (*Ri, censurando-a.*) - A senhora tá pensando em que, dona Olga?
- DONA OLGA (*Reage.*) - Tô ouvindo, pode falar.
- BATISTA Vou repetir. O Sebastião disse que é melhor terno escuro. Dá mais respeito. O que é que a senhora acha?
- DONA OLGA Escuro é melhor.
- BATISTA E o senhor, pai?
- ERNESTO Na minha época, a gente usava terno claro. De linho.
- DONA OLGA (*Impaciente.*) - Na sua época, Ernesto!
- BATISTA Mãe, não precisa ficar brava com ele.
- ERNESTO Sua mãe acha que eu não sei de nada.
- DONA OLGA Seu pai não fala coisa com coisa.
- BATISTA (*Para a mãe, como que tentando agradá-la.*) - Tá bem, mãe! Escuro então. Tá bem assim?
- DONA OLGA Escolhe o que você quiser. É você quem vai usar.
- BATISTA Posso então escolher um terno claro? A senhora não vai ficar chateada?
- DONA OLGA Já disse. Escolhe o que você quiser.
- BATISTA Poxa...! Eu nunca usei terno na minha vida...!
- ERNESTO Como não?

- BATISTA Eu usei?
- DONA OLGA *(Começa a direcionar sua impaciência para o marido.)* -
Ele nunca usou terno, Ernesto.
- ERNESTO Tem uma foto dele...
- DONA OLGA Aquela foto é do Vado!
- BATISTA Se eu tivesse me casado, tá aí, eu teria usado terno.
(Pensativo, excitado.) Será que eu vou ficar bem de terno?
(Pausa. Preocupado.) Mãe! Será que o Vado vai gostar de
me ver de terno?
- DONA OLGA Vai! Lógico que vai!
- BATISTA Eu sei como é que é o governo. Quando você precisa dele,
ele não existe. Eu sei como é que é. Quando eu procurei o
governo lá na usina, pra reclamar do preço do frete,
ninguém sabia de nada. Eu queria fazer uma reclamação da
empreiteira, entende? Mas... *(Ri.)* o governo não existia.
Não é incrível? O governo não tinha sala. Ele existia só no
papel. Foi o que me disseram. Mas você não consegue falar
com papel, não é, pai? *(Ri. Pausa.)* Será que o Vado virou
papel? *(Apressa-se.)* Desculpa, mãe. É só uma brincadeira.
Poxa...! O senhor sempre fez terno, mas eu nunca vi o
senhor usar um.
- ERNESTO Hoje em dia, terno é só pra gente rica. *(Empolga-se.)* Você
sabia que eu fiz um terno pro prefeito?
- BATISTA O senhor?!
- ERNESTO Foi o dia mais feliz da minha vida. Quando eu vi o prefeito
sair do banco, vestindo o terno que eu fiz... *(Sonhador.)* Ele
parecia um governador.
- BATISTA O senhor sabia que terno de governador tem que ter bolso
maior?
- ERNESTO Por quê?
- BATISTA Pra caber mais dinheiro, pai!

- ERNESTO *(Riem.)* - Sim... Lógico!
- DONA OLGA Chega com essa conversa fiada vocês dois.
- BATISTA Estamos brincando, mãe. Só isso.
- DONA OLGA Não gosto dessa brincadeira.
- BATISTA *(Admirado, pensativo.)* - Saber que amanhã eu vou estar usando terno...! O Vado! Ele vai me ver de terno, pai! Não é bom isso? *(Pausa.)* O Sebastião vem buscar a gente agora, não é mãe?
- DONA OLGA Ele deve estar chegando.
- BATISTA Ele vai me ver assim, sem tomar banho?
- DONA OLGA O que é que tem? Ele é seu irmão.
- BATISTA Mas é que eu... eu não queria que ele me visse assim...
- DONA OLGA Você vai tomar banho na alfaiataria. O Sebastião vai arranjar umas roupas limpas pra você.
- BATISTA Eu podia pedir uma coisa, pai?
- ERNESTO Claro.
- BATISTA Quando a gente voltar pra casa, eu podia comprar uma garrafinha de pimenta? Daquela que eu trouxe? Posso? *(Olha para um e outro, não sabendo ao certo a quem pedir.)*
- ERNESTO *(Apressa-se.)* - Eu compro!
- BATISTA Mãe, eu tô cansado. Eu posso sentar um pouco na... na sua cadeira? *(Dona Olga apressa-se em tirar a almofada.)* Não. Não vou sentar. Agora, não. Só quando eu tiver com meu terno. Aí eu vou poder sentar na almofada... *(Silêncio.)* Sabe, mãe. É que não tem mais pimenta naquela garrafinha. *(Ri.)* Só ficou o bagaço. E o gosto do vinagre. Não arde mais. Por isso, eu pedi pro pai comprar outra. Só por causa disso. Tá bem? Eu não quero gastar o dinheiro da senhora. *(Chama.)* Mãe!

DONA OLGA Que foi?

BATISTA Quando o Vado veio aqui... ele veio de terno?

DONA OLGA Não.

BATISTA *(Impressionado.)* - Não?!

DONA OLGA Pra quê...?

BATISTA Ele podia ter vindo...!

DONA OLGA Mas não veio.

BATISTA O senhor já viu ele de terno, pai?

ERNESTO Nunca vi.

BATISTA Nem a senhora?

DONA OLGA Não.

BATISTA *(Ilumina-se.)* - Quer dizer que vocês vão me ver de terno... mas... mas nunca viram o Vado?!

(Ouvem-se ao longe duas buzinas rápidas.)

DONA OLGA *(Sobressalta-se, agoniada.)* - É o Sebastião! Tá na hora!

BATISTA Na hora de que, mãe?

DONA OLGA Vai, Ernesto!

BATISTA O que foi, mãe?

DONA OLGA Seu pai é que é um lerdo!

BATISTA Pra que tanta pressa? *(Vai em direção ao vaso.)* Posso ver de novo a jabuticaba do Vado?

ERNESTO *(Dirigindo-se ao vaso. Dona Olga também se aproxima,*

preocupada.) - Pode sim.

BATISTA *(Tenta colocar o dedo. Está frágil e carinhoso.)* - Tão pequenininha...!

DONA OLGA *(Apreensiva, exagera na voz.)* - Não coloca o dedo!

BATISTA *(Voltando-se.)* - O que foi, mãe? A senhora tá assustada?

DONA OLGA *(Recompõe-se.)* - Só tô pedindo pra não colocar o dedo.

BATISTA Pode deixar. Só tô olhando. É tão pequenininha... dá uma vontade de ...

ERNESTO *(Também ele agora preocupado.)* - Cuidado, filho...

BATISTA Dá uma vontade de esmagar...!

DONA OLGA *(Reagindo.)* - Não deixa ele fazer isso, Ernesto!

BATISTA *(Fingindo-se ofendido.)* - Só tô brincando, mãe! *(Afasta-se. Solene.)* Posso falar uma coisa importante? *(Pausa.)* Todo homem precisa plantar uma árvore. Não é assim que dizem? Eu já plantei.

(Ouvem-se buzinas.)

DONA OLGA *(Apressa-se, nervosa.)* - É melhor vocês irem.

BATISTA Agora, eu quero começar tudo de novo. Vida nova. Eu sou um homem de verdade, mãe! Daqueles que não desiste nunca! Escuta o que eu tô dizendo. Eu vou chegar lá. A senhora duvida? É por isso que eu vou plantar uma árvore nova. Porque eu não desisto, mãe! *(Dona Olga e Ernesto se entreolham. Emociona-se.)* Eu não posso desistir! *(Chama.)* Pai!

ERNESTO Que, filho?!

BATISTA O senhor não acha que eu devia ser um político? Que nem o

Vado?

- DONA OLGA Vão vocês dois, pelo amor de Deus!
- BATISTA Deixa eu falar uma coisa muito séria! Sabe o que eu quero mesmo? Me casar.
- ERNESTO Boa ideia.
- BATISTA Depois que eu começar a trabalhar no meu novo emprego, primeira coisa... vou... vou comprar um carro. Lógico. Vou precisar de um carro. Todo mundo precisa de um carro numa cidade grande... Depois, eu vou me casar. (*Voz solene, como se fosse o grande momento.*) Eu quero ter um filho. Um fi...lho!
- DONA OLGA (*Voz de ordem, tenta empurrar o filho para a direção da saída.*) - Vão, gente, o Sebastião tá esperando! (*Dá um comando de ordem com a cabeça.*) Ernesto!
- BATISTA Um filho... Ouviu, pai?
- DONA OLGA (*Vê que Ernesto vacila, aumenta o tom.*) - Ernesto!!!
- BATISTA (*Volta-lhe aos olhos o brilho de agressividade.*) - Mãe...! Deixa... deixa eu terminar! Quando eu tiver no governo, sabe o que eu vou fazer? Isso eu vou fazer, a senhora que me desculpe! Eu preciso fazer. Pra lavar a minha honra. A honra da nossa família! Vamos acertar as contas com o cara do caminhão, não vamos, pai? (*Volta-se para a mãe.*) A senhora me ajuda a falar com o Vado pra gente acertar o cara?
- DONA OLGA (*Agoniada.*) - Eu vou falar com o Vado. Mas esquece isso agora!
- BATISTA (*Reage.*) - Como esquecer, mãe! A senhora sabe o que eles fizeram comigo? A senhora sabe?
- DONA OLGA (*Impaciente, voz de comando.*) - Batista!
- BATISTA (*Recua.*) - Tá bem. Tá bem. A senhora tá brava comigo. A senhora tem razão. Eu fiz a senhora sofrer. Pode dizer. A senhora acha que eu não sei o que eu fiz?

- DONA OLGA *(Incomodada, não querendo abordar algo que a faz doer.) - Deixa pra lá!*
- BATISTA *(Faz menção de se ajoelhar diante dela, mas não consegue. Logo desiste. Pega-lhe a mão e tenta beijá-la.) - A senhora me perdoa?! (Buzina intermitente.) Nunca mais vou fazer a senhora sofrer. Prometo! A senhora acredita que eu tô arrependido? Acredita, mãe?!*
- DONA OLGA O Sebastião já tá lá nervoso!
- BATISTA *(Insiste.) - A senhora não disse que me perdoa!*
- DONA OLGA *(Sem olhá-lo, tentando retirar a mão.) - Eu é que peço perdão.*
- BATISTA *(Encantado.) - A senhora?!*
- DONA OLGA *(Confusa.) - Vai ficar aí parado, Ernesto?*
- BATISTA Poxa, mãe...! A senhora me... me pediu perdão?!
- ERNESTO Eu não vou, não, Olga.
- DONA OLGA Ernesto!
- ERNESTO Não vou.
- DONA OLGA Mas é um banana! *(Empurra Batista.)* Pois então vou eu!
- BATISTA Que foi, mãe?
- DONA OLGA Seu pai não quer ir com você fazer o terno.
- BATISTA Pai, o senhor... o senhor tá chateado comigo?
- ERNESTO *(Adianta-se.) - É que...*
- DONA OLGA *(Grita, com raiva, mas sem convicção.) - Sebastião!*
- ERNESTO *(Ouve-se uma buzina irritante. Acovarda-se.) - É melhor a gente ir ver o terno, filho.*
- BATISTA *(Procura. Está confuso, emocionado.) - A gaita...!*

- DONA OLGA Tá no bolso! (*Empurrando Ernesto.*) Vai, Ernesto!
- BATISTA (*Apalpa o bolso, encontra.*) - Ehh! Tinha esquecido... (*Retira-a. Ernesto se afasta em direção à saída, está abatido, enquanto Batista volta-se para dona Olga.*) Eu queria tanto dar um beijo na senhora! Posso? (*Avança e beija a mãe com carinho. Vai em direção à saída, depois para, leva a gaita à boca e tira alguns acordes alegres. Olha em direção à garagem. Agacha-se.*) Os pneus, pai. Parecem novos.
- ERNESTO O Osvaldo trocou todos.
- BATISTA Amanhã, o senhor deixa eu dar uma voltinha? Eu... eu conheço motor de carro, o senhor sabe.
- (*Ouve-se um toque de buzina.*)
- DONA OLGA Daqui a pouco, o Sebastião vai descer, Ernesto! Aí você sabe.
- ERNESTO (*Agoniado.*) - Vem, filho!
- BATISTA (*Desvencilha-se do pai, recua, volta-se para a mãe. Riso maroto, de menino envergonhado.*) - Mãe! Posso dizer uma coisa pra senhora? (*Voz baixa, enquanto com a mão direita simula puxar a cintura da calça para frente, como a conferir o que vai dizer.*) Tou sem cueca... (*Ri.*) O pai vai ter que me emprestar uma... Tá bem, mãe? (*Vendo que a mãe não reage, não se importa, põe-se a sair, dançando, balançando o corpo, com mais vigor a cabeça, em ritmo mal cadenciado, chegando a cômico. Está imensamente feliz. Ouvem-se acordes de gaita, andantes, em que Batista extravasa toda sua alegria e autoconfiança. Dona Olga caminha lenta até a lateral, espia para a rua, vigiando a saída dos dois, sempre se adiantando e espiando, até sumir atrás da casa. A luz vai baixando, até apagar. Por um tempo ainda, ouvem-se os acordes da gaita. Batida de porta de carro, ronco de motor acelerando. Cai o pano.*)

FIM

Brasília/DF, 7 de junho de 2004.